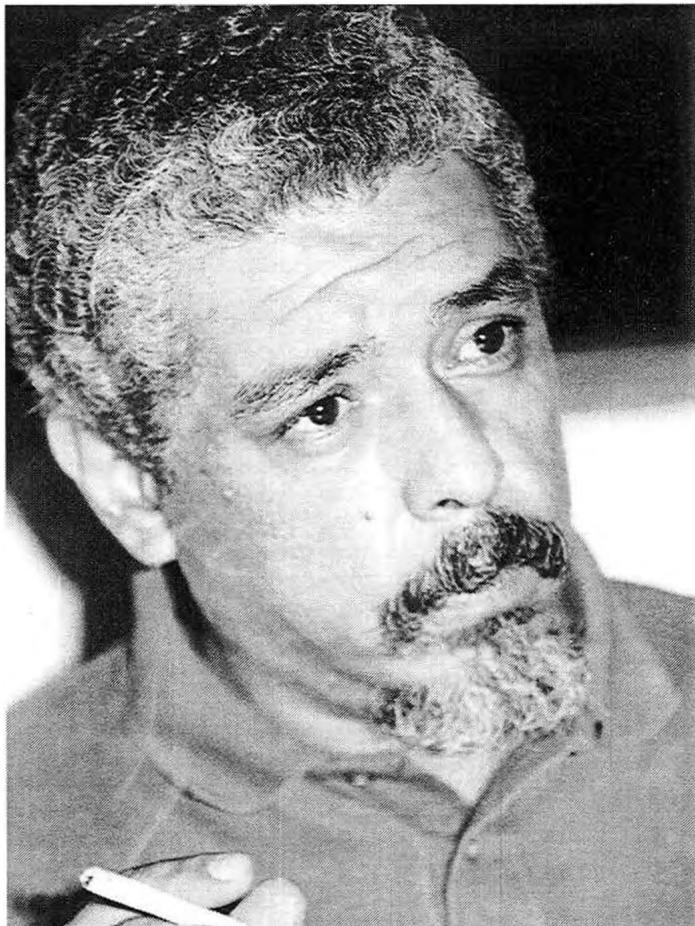


AGOSTINHO GÓSSON

Personagem romântico de uma história revisada pela técnica jornalística



Dom Quixote contemporâneo, Agostinho converteu o jornalismo numa cruzada de fé. Teima em ser poeta nas redações impregnadas de operários da notícia.

soa, Castro Alves, Fagundes Varela, Cassimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Cecília Meireles, Shakespeare. Foram eles que o mantiveram vivo, dentro de um mundo romântico, onde seria poeta e morreria de tuberculose aos 19 anos. Não queimou os dedos na chama da imortalidade. Abandonou o sonho da poesia para escrever com objetividade e clareza: quiseram-lhe que fosse jornalista. Sua grande frustração é não ter sido confeiteiro de bolo. Contradição de um passado que lhe deu um grande número de dores, quando ele queria ter, apenas, uma família. Contradição de um passado que o fez estrela de luz própria, reluzindo em busca de um Deus boêmio.

São poucas as recordações, obscurecidas pela falta de memória material. Não há fotos, cartas, contato frequente com os parentes. Não há vontade de lembrar da época que vai dos 14 aos 23 anos, quando conheceu a segunda mulher de sua vida: uma cearense de corpo magro, olhos arregalados e "muito risonha". Calando os suspiros românticos do que poderia ser um "amor à primeira vista", a senhorita de nome pouco comum, Anúzia, não atraiu, de súbito, o gigante Agostinho.

Tão contrário a si é mesmo o amor que, na próxima visita, tombou apaixonado. Em 1977, o casal resolve oficializar o que já estava consumado. Dois filhos, um de 12 e outro de 17 anos, garantem a perpetuação da espécie. Final Feliz. Final? A família é o que de mais duradouro construiu em sua vida: são quase duas décadas de companheirismo, afinidade, dedicação... e todas essas palavras que fazem dos dois amantes um casal de namorados que ainda troca poemas.

Imagine Agostinho, hoje, sentado no pátio da UFC, onde "forma pessoas". Cigarro no canto da boca dentuça de outrora. O mesmo olhar triste, escondido por trás dos óculos RayBan. O mesmo cansaço, em batalha com a juventude que o cerca. A mesma pessoa, sensível, apaixonada, frágil, envolvida por uma couraça de ética e intransigência. O mesmo menino, agora, numa dimensão maior. Do arquiteto de risos adolescente, ficou o senhor contador de histórias.

E há uma história, entre as preferidas, que Agostinho pára, enche o peito, e conta. Certa vez, quando não era mais que um empacotador numa fábrica desconhecida de São Paulo, achou um envelope contendo um valor superior ao seu salário da época. Foi ter com o patrão, esperando-o por todo o expediente. Após a devolução do envelope, o chefe, no alto de sua função empresarial, iniciou o diálogo:

"- Por que você fez isso, rapaz? Aqui tem mais do que o seu salário!!

- Pelos gestos simples é que se conhecem os grandes homens.

- Mas você não é um grande homem!!

- Mas eu vou ser."

Esse é o personagem de nossa primeira entrevista. Quem quiser que conte outra.

Entrevista com o jornalista Agostinho Gósson, dia 17/04/96

Produção:

Ana Cecília Mesquita, Ana Mary Cavalcante e Giovana de Paula

Abertura:

Ana Mary Cavalcante Redação, edição e texto final:

Ana Cecília Mesquita, Ana Mary Cavalcante e Giovana de Paula

Participação:

Ana Cecília Mesquita, Ana Mary Cavalcante, Dante Accioly, Emanuel Furtado, Erick

Guimarães, Fabiana Moura, Fabíola

Nascimento, Giovana de Paula, Ismael Furtado, Rodrigo de Almeida, Sérgio

Ripardo, Silvia Bessa Foto: Ismael Furtado



No primeiro contato com a equipe de produção, numa sala da UFC, Agostinho disse ter medo da entrevista pois iria resgatar um passado sem registro.

Entrevista - Vamos iniciar a entrevista, Agostinho, partindo de alguns pontos que foram coletados durante a produção. Nós sabemos, por exemplo, que você, aos 14 anos, sofreu um processo de mudança radical na sua vida, causado pela morte da sua mãe. Você adquiriu a independência muito precocemente, como você mesmo diz, foi uma "independência forçada". Então, nós gostaríamos de saber de que modo você acredita que essa adolescência pouco comum influenciou na sua formação como homem?

Agostinho Gósson - Primeiro lugar, me influenciou de uma maneira absoluta porque, quando eu cresci e tive oportunidade de me desenvolver profissionalmente, isso marcou toda a minha trajetória profissional, minha trajetória como pai, minha trajetória como marido. Porque eu sempre procurei me colocar em evidência, em solidariedade com aqueles grupos que são marginalizados, com aqueles grupos que são discriminados.

Isto marcou a minha personalidade de tal maneira, que todo meu trajeto profissional caminha nessa direção. A solidariedade ao excluído, ao velho, à criança que tá abandonada, tudo isso se dá de uma maneira muito autêntica, muito sincera, porque eu não tive formação marxista. Nunca estudei marxismo. Mesmo na faculdade eu era um absoluto alienado na questão do marxismo. O marxismo, eu pensava que era uma marca de salsicha. Então, toda a minha trajetória de vida tá marcada por esse episódio. Foi uma coisa muito profunda, extremamente dolorosa, é uma dor que tem começo mas não tem fim. Eu até hoje convivo com esse fantasma. Não consigo me libertar dele. Sou escravo dessa finalidade. Sou escravo dessa fatalidade. É em relação aos meus irmãos, em relação ao meu pai, que faleceu agora, em relação à minha mulher, em relação aos meus filhos. Eu estou impregnado dessa dor, ainda. A minha alma nada dentro dessa dor, ainda.

Então, é muito difícil você evitar recorrentes naufrágios que lhe levam à depressão, mas que lhe levam, também, à reflexão sobre o mundo que você está e que faz com que você também não perca essa perspectiva de que alguém tem que fazer alguma coisa por essas pessoas. Dentro daquilo que eu sou e dentro daquilo que eu posso fazer e que eu pude fazer, eu fiz e faço.

Entrevista - Agora, geralmente, uma perda na adolescência acaba por acarretar uma certa amargura nas pessoas. Você se sente uma pessoa amargurada por conta dessa perda que você teve?

Agostinho - Ah, sim, seguramente. Eu sou uma pessoa absolutamente triste, embora pareça contraditório porque o pessoal sempre me vê brincando, eu sou uma pessoa com profundo sentimento de tristeza, de perda. Sou uma pessoa amputada, um aleijado do espírito. Porque eu acho que uma perda dessa dimensão - a morte da mãe ou do pai ou de qualquer ente querido que você atribua a ele um valor de condução da sua existência - é sempre uma perda de um pedaço de si. E essa perda não é percebida pelas pessoas. Aí, que agrava o grau da sua solidão, da sua amargura. Na medida em que, se a pessoa não tem um braço, ela não tem uma perna, você nunca vai exigir dela ações que demandem o uso do braço ou o uso da perna. Ninguém vai chegar pro camarada que tá com a perna enfaixada e dizer: "Ó, pega aquilo ali pra mim". Ninguém vai dizer isso. Mas uma pessoa espiritualmente amputada, às vezes, é solicitada a dar de si e nem sempre se percebe que parte dessa alma tá faltando.

“Eu sou uma pessoa absolutamente triste, embora pareça contraditório porque o pessoal sempre me vê brincando (...). Sou uma pessoa amputada (...).”

que parece ter muita paixão pela vida, pelo menos você tem muita garra e a sua trajetória de vida mostra isso. Quer dizer, você saiu da favela, você teve que viver sozinho aos 14 anos, passou por uma série de etapas e, hoje, é a pessoa que você é. E o que lhe motiva a ter essa força, a ter essa vontade de viver, de construir, de estar sempre recomeçando?

Agostinho - Eu acho que é um pouco da minha formação religiosa. A minha mãe era uma pessoa extremamente ecumênica em termos de religião. Ela, de manhã, ia à missa católica e, à tarde, ia pro centro espírita. Lia horóscopo. A minha mãe era uma pessoa muito mística e esse misticismo me impregnou. Eu acho que, de toda forma, além da circunstância da vida pessoal, além da circunstância da vida histórica, do momento histórico que você tá vivendo, há uma circunstância metafísica. Que ela é sentida individualmente, mas você projeta isso na sua vida. Então, o que me leva, às vezes, a me manter vivo, e isso é doloroso dizer, "me manter vivo"... Porque eu nasci com um imenso cansaço. Não nasci com preguiça, nasci com um imenso cansaço, como se eu já viesse de uma existência arrastando um grande cometa de dor... Então, isso faz com que você, ao mesmo tempo que você tem esse cansaço, você tem que redescobrir em alguns valores, da família, dos amigos, no convívio com as suas atividades, a energia pra se manter atuante.

Seguramente, eu sou um indivíduo que tem uma grande ansiedade de morrer pra completar a minha existência, pra realizar essa face da minha vida e descansar, quer dizer, parar e poder ser só espírito; ser apenas intelecto; ser apenas emoção. A vida me irrita profundamente. As coisas práticas, pragmáticas, as coisas objetivas são absolutamente aborrecidas pra mim. Porque eu acho que a dimensão humana, a dimensão espiritual do homem é muito mais importante e é nela que vibra toda a sua dor e toda a sua alegria.

Entrevista - Esta entrevista tem uma característica bem particular, que é o fato de a gente ter sido aluno seu na disciplina passada. Você foi um dos professores que mais motivaram a gente a fazer o que a gente fez, é tanto que a gente conseguiu fazer um trabalho muito bem feito na sua disciplina (refere-se ao jornal "Credo", feito pelos alunos do VI semestre do Curso de Comunicação Social da UFC, sob orientação do Agostinho). Então, você não parece uma pessoa cansada; você parece uma pessoa

A equipe de produção foi recebida na casa de Agostinho, num domingo à tarde, por ele, sua esposa, seu filho mais novo, e pelos dois cães-chorros da casa.

que tem uma força, talvez gerada por essa força espiritual muito grande, mas, você parece que tem essa capacidade de estímulo, pelo menos, de estimular as pessoas e parece que tem muita paixão.

Agostinho - O contraponto desse cansaço, dessa irascibilidade, é a juventude que vocês trazem e que eu me sinto no dever de me colocar, como professor, numa dimensão de formar pessoas. Não sou preocupado em dar nota, quem foi meu aluno sabe disso. Eu pouco me preocupo se o cara vem ou não vem. Eu sei quem comparece às aulas, sei quem é aquele aluno ausente, mas não é esse que eu estou preocupado. Eu acho que ensinar é muito pouco prum professor. Eu acho que o essencial, nesse contato que você tem, é educar a pessoa, formar quadros pro país, formar quadros pro seu Estado, onde você mora. Tentar despertar nas pessoas aquilo que elas têm de mais bonito, que é a sua alegria, a sua dinâmica, a sua vontade de participação, a sua vontade de ingêneria nos destinos da sua vida e da vida do outro. A dimensão do homem é o outro.

Então, na hora que eu vou pra sala de aula, eu procuro realmente me despir dessas contingências minhas, pessoais, e assumir um papel, digamos, mais profissional. Evidentemente, que eu não faço aquilo como quem vai pra um teatro. Eu não decoro um papel. Eu não ensaio um papel. Mas, às vezes, eu sou obrigado a superar essa minha condição, essa condição humana, pra atingir esse objetivo de tornar uma turma alegre, dinâmica, participativa. Eu tô lá fazendo meu papel de professor. Então eu acho que isso é uma missão, é um sacerdócio, mesmo, você formar quadros. E eu tento incorporar isso, não como professor acadêmico, preocupado com as teorias, "pra que lado vai o jornalismo?", "pra que lado vai a literatura?"... Eu não tô preocupado com isso, certo? Já decretaram o fim da história, já decretaram o fim da literatura, o fim da poesia, já decretaram o fim de tudo! Então, eu acho que esse "decretar fim de tudo", dos teóricos, cria na juventude uma perspectiva negra, uma perspectiva sem caminho. E eu acho que você precisa fazer renascer nessa juventude a perspectiva de que esse país vai dar certo.

Vocês todos são marcados por essa tragédia desse tempo: é a AIDS, no que diz respeito a relacionamento afetivo e sexual, é o desemprego no que diz respeito à perspectiva profissional, é a desagregação familiar no que diz respeito à perspectiva da vida

familiar, enfim, são tantos fatores negativos, interagindo na vida de vocês que, quando você vai pra sala de aula, se você não tiver o compromisso de tentar fazer com que toda essa "salada" negativa se converta em algo positivo, então, é melhor não discorrer sobre as coisas.

Entrevista - Agostinho, eu queria fazer uma interrupção contigo, você falando em dor, aí, e remeter um pouco, ainda, pro momento da sua infância, da sua adolescência, já que você falou, de início, nessa questão da dor. E eu queria que você pudesse fazer um recorte, um pouco, das dificuldades que você enfrentou logo após o passamento da sua mãe e o mundo que você descobriu à sua frente, em termos de sobrevivência, de enfrentar uma realidade completamente adversa. Daria pra você

"A outra coisa que me marcou (...) é a questão do preconceito de quem não tem mãe. (...) Essa frase me marcou de forma absoluta: 'Fez isso porque não tem mãe'."

compor, resumidamente, qual a marca mais característica, mais forte, dessa luta de sobrevivência inicial de um cara de 14, 16 anos, naquele período da morte da sua mãe?

Agostinho - O que mais me marcou, seguramente, foi a falta de solidariedade do outro. A minha casa era uma casa permanentemente cheia, muito alegre. Minha mãe, aos sábados e domingos, fazia grandes almoços. Minha casa era tida como a "embaiizada do Ceará", porque eu sou filho de cearenses, nascido e criado em São Paulo. E, quando minha mãe adoeceu, ela passou quatro anos doente, gravemente doente - primeiro perdeu uma vista, depois a outra, sofria dores de cabeça horríveis - quando esse processo foi, digamos, se agravando, se acentuando, as pessoas desapareceram. Aquela solidariedade que eu esperava dos ticos, mesmo dos avós, não ocorreu. Então, isso foi uma coisa que me marcou profundamente.

A outra coisa que me marcou também, dentro dessa perspectiva, é a questão do preconceito de quem não tem mãe. Eu já sofri o preconceito de ser filho de nordestino em São Paulo. Sofri o preconceito de "não

ter mãe", aquele garoto que chega nos cantos, faz alguma danação, "fez isso porque não tem mãe". Essa frase me marcou de forma absoluta: "Fez isso porque não tem mãe". Agora, esse "fez isso porque não tem mãe" tem uma simbologia profunda. "Fez isso porque é nordestino", "fez isso porque é preto", "fez isso porque é homossexual", "fez isso porque é aidético", "fez isso porque é um tuberculoso", fez isso porque tem lepra"... Então, esse "fez isso porque não tem mãe" me marcou profundamente. Isso de tal maneira é profundamente marcante que, quando eu cheguei aqui no Ceará, em 78, umas das coisas que eu mais senti, aqui, foi "fez isso porque é paulista". "Fez isso porque é paulista", "fez isso porque não conhece a cidade", "fez isso porque não conhece o jornalismo daqui", "fez isso porque desconhece o que é o jornalismo cearense"...

Então, esse "fez isso porque não tem mãe" tem toda essa dimensão e, quando nós somos discriminados, por qualquer razão - sexualidade, condição social, condição econômica, condição política - está implícito isso. "Fez isso porque é comunista", "fez isso porque é PT", "fez isso porque é do PFL", "fez isso porque é do PSDB", "fez isso porque não tem compromisso"... Quer dizer, então, esse "fez isso porque" é a forma de discriminação. E essa forma de discriminação dessa frase, "fez isso porque não tem mãe", me marcou de forma mais profunda.

E um outro aspecto que marcou, também, foi a incapacidade que as pessoas têm de perceber o que é o universo de miséria humana. É por isso que eu não gosto dos teóricos, dos intelectuais. Eu acho que os grandes escritores é que vão buscar essa essência da alma humana. Você pega um Victor Hugo (*romancista, poeta, dramaturgo, ensaísta e político francês do século XIX*), por exemplo, onde estão lá "Os Miseráveis", você pega um "Oliver Twist" (*romance de Charles Dickens, escritor inglês, de 1888*), que é a pobreza de uma criança na Inglaterra industrial e tá lá todo o drama da alma humana. Esses dois livros, por exemplo, eu vejo muito esse lado do drama social: "Os Miseráveis", do Victor Hugo, e no Dickens, eu vejo essa coisa. Em "Capitães de Areia", do Jorge Amado (*escritor baiano, mundialmente conhecido por obras como "Gabriela Cravo e Canela" e "Dona Flor e seus Dois Maridos"*). Os escritores vão buscar essa angústia, essa dor e a sociedade não entende o que é. A sociedade acha que o menino cheira cola porque ele



Enquanto Agostinho conversava com a produção, João Paulo, seu filho mais velho e timido, virou-se para ele ao sair e disse: "Pai, tem camisinha aí?".

A conversa com a produção começou no quintal e terminou na sala de estar, pois a noite caía e, com ela, uma fina neblina ameaçava estragar a gravação.



Durante a pré-entrevista, Agostinho mostrou grande admiração pelo pai. Na semana da entrevista, recebeu a notícia do falecimento do pai em São Paulo.

quer cheirar cola, ou a sociedade acha que um cara rouba porque tem que roubar. Eu mesmo, às vezes, tento refazer, dentro de mim, todos os conceitos, porque ninguém aprende uma coisa de forma definitiva. Você aprende uma coisa, sabe que ela existe e se reeduca, cada dia, cada momento dentro daquele princípio que você adota. É impossível você ser absolutamente coerente o tempo todo.

Eu tenho um filho mais velho, de 17 anos, que já foi assaltado inúmeras vezes e eu mesmo, às vezes, fico revoltado e digo: "Não, tem que pôr todo mundo na cadeia". Mas, não é a solução, eu sei, no fundo do meu coração, que não é a solução. Mesmo porque eu vim daí. A minha vantagem, e isso é uma vantagem minha, pessoal, foi que eu desci à lama e não me melei. Eu nunca me envolvi com drogas, eu nunca me envolvi com crime, salvo uma carteira ou outra que eu bati pra sobreviver mesmo. Mas, então, foi essa capacidade que eu tive de sobrevivência e que me dá o dom de olhar pros outros e olhar de forma até superior. E, quando eu vejo alguém miserável, eu tento entender por que aquela pessoa é tão miserável, por que ela se deixa abater tão moralmente por conta dessa contingência. Porque eu estive lá e não me abati.

Então, esse é um dom energético, um dom de energia muito grande: você descer tão fundo e não se deixar contaminar por isso. Obviamente que eu tive pessoas que me ajudaram muito. Encontrei pessoas maravilhosas na minha vida e essa é a minha grande vantagem. Eu sempre encontrei âncoras e essas âncoras quando eu demandava, espiritualmente, essas âncoras, elas estavam lá. E, sem dúvida, a principal delas foi a âncora da minha espiritualidade, que se consubstanciou na literatura, sobretudo na poesia.

Entrevista - Agostinho, você fala tanto da espiritualidade e da sua religiosidade. Você segue alguma religião especificamente, ou você segue os ensinamentos da sua mãe, que era ecumônica?

Agostinho - Não sigo religião nenhuma e sou contra quem segue. Porque eu acho que o grande princípio de Deus, seja Ele o Deus cristão, seja Ele o Deus muçulmano, seja Ele o Deus budista, seja Ele o Deus... Enfim, qualquer tipo de Deus que você escolha, o grande fundamento, o grande ensinamento de tudo isso é a eliminação das diferenças. Quando é que o mundo vai entender que o grande sentido de Deus é a eliminação de todas as diferenças?! E que nós seja-

mos tolerantes politicamente, religiosamente, afetivamente, sexualmente, enfim, tudo! Então, eu acho que você querer se prender a uma religião... É muito pouco. Acho que Deus fica muito pequeno: você conseguir guardar Deus numa gaveta que você tem lá "catolicismo", numa gaveta que tem "espiritismo", numa gaveta que tem "muçulmano", numa gaveta que tem "budismo". Eu acho isso uma tolice muito grande! Respeito os credos religiosos, as convicções pessoais, mas o meu Deus é muito dinâmico, é, extremamente, solidário e participativo. Ele atua dia a dia, entendeu? Não é um Deus que fica lá sentado, brincando de fazer contas e acender estrelas, não! É um Deus participativo; Ele é, extremamente, agressivo. E eu tento colocar isso no dia-a-dia, na minha vida. Não sei se eu consigo fazer isso 24 horas, mas, seguramente, em todos os momentos da minha vida, Deus está presente. Mas não esse Deus "caretinha", não!

“E eu era tido como o ‘intelectual da favela’. Escrevi algumas peças de teatro, tinha algumas ousadias (...). Então, eu era um modelo de vida pra eles.”

É um Deus que se revolta, é um Deus que bebe, é um Deus que fuma, é um Deus que conversa, é um Deus que transgride, entendeu? É um grande camarada, um grande boêmio!

Entrevista - Agostinho, você falou que entrou na lama e não se sujou. Voltando pra essa história da sua infância, quando você se relacionava com as pessoas onde você morava, quando você saiu de casa, você era visto como diferente por essas pessoas?

Agostinho - Ah, sim! Eu tive vários apelidos. Um dos apelidos que eu tive foi "padre". Não só porque eu tinha o dom de dar conselhos às pessoas, de orientar as pessoas, mas porque também fazia uma brincadeira. Eu decorei um trecho em latim e, no intervalo das aulas, na hora do recreio, da merenda, eu colocava um banco escolar no centro do pátio, subia em cima e declamava esse trecho em latim. Aí, ficou o apelido de "padre". Outro apelido que eu tive foi de "papagaio", porque eu falava

demais; sempre fui um cara muito falante. E me chamavam de "gugu", por conta daquela personagem de "Vila Sésamo", que era um cara irritado, que ficava sempre brincando... Agora, eu era tido como uma pessoa diferente. Essa foi minha vantagem. Porque eu me lembro, por exemplo, que eu fui de casa e, muitas vezes, eu precisava de um livro, alguma coisa, e as pessoas compravam o livro pra mim, me traziam as coisas. E eu era tido como o "intelectual da favela". Escrevi algumas peças de teatro, tinha algumas ousadias, essa coisa toda. Então, eu era um modelo de vida pra eles. Então, isso foi uma coisa muito confortante pro meu lado. Até, nisso ai, eu desci e consegui, também, fazer com que algumas pessoas se espelhassem em mim.

Entrevista - Não era diferente estar na favela e ser da favela?

Agostinho - (pausa) Eu acho que há uma diferença. Porque... Ah, sim profundamente! Eu concordo com isso.

Entrevista - Por isso que as pessoas te tratavam diferente?

Agostinho - Ah, sim, é, é. Seguramente, talvez, passe por aí... "Estar na favela".

Entrevista - Agostinho, como era conviver com dois mundos diferentes: favela e Universidade?

Agostinho - Não. Universidade, não, escola, né? Um mundo normal, das pessoas que vão ao cinema, vão a restaurantes, vestem roupas boas, conversam, têm diversão, têm pai, têm mãe, têm família estruturada. Era um convívio muito difícil. Porque, ao mesmo tempo que você sofre o lado da discriminação, quando você tá vivendo esse lado mais pobre, mais na miséria, você tem que conviver com o outro lado. Meus amigos, meus colegas de escola me chamavam pra eu dar aula de Literatura, pra eu dar aula de História e, por ali, eu filava. Filava um almoço, filava uma janta, às vezes, filava até uma dormida, porque cansei de dormir na rua várias vezes, dormia sob marquises. Agora isso nunca foi assim algo que me dificultasse em nada, pelo contrário. Acho que a autenticidade da pessoa... Eu nunca escondi minha condição. Nunca escondi minha condição! Então, onde eu chegava, eu sempre fui aquela pessoa, aquela mesma pessoa, aquela mesma roupa, aquele mesmo jeito, aquela mesma brincadeira. Eu sempre me afirmei. Se o lugar me discrimina, eu saio do lugar; se eu não posso modificar o lugar.

Anúzia, a esposa, foi presença constante ao lado do mando tanto na pré-entrevista quanto na entrevista. Os dois, além de amantes, são cúmplices.

Entrevista - Aos 14 anos, você foge de casa, não é isso? Vai viver numa pensão, depois, viver numa favela. Mas, ao mesmo tempo...

Agostinho - Mas não foi... Só esclarecendo. Não era assim: "viver na favela". Eu alternava, passava uns tempos aqui, passava uns tempos... Quando eu tinha dinheiro, voltava pra pensão. Às vezes, eu voltava pra casa, passava um tempo em casa.

Entrevista - A minha pergunta é, justamente, por aí. Ao mesmo tempo que você foge da casa do seu pai, você diz que "eu tenho certeza que sou o filho mais querido dele". Como é que fica essa relação nesse período?

Agostinho - Bom, porque, depois, eu redescobri meu pai. Eu refiz a imagem dele...

Entrevista - Depois quando?

Agostinho - Depois de casado, sobretudo... Muito antes disso, eu já tinha refeito a imagem dele; muito antes disso, eu já tinha refeito essa imagem do meu pai. Porque meu pai é uma pessoa por quem eu sou extremamente apaixonado. O meu pai era um camarada superdotado em termos de inteligência. Era uma pessoa dum inventividade extraordinária, ao mesmo tempo, de uma selvageria absoluta. Um homem que vivia na natureza. Eu costumo definir meu pai como "índio branco". Meu pai era um camarada que vivia dentro da mata. O negócio dele era viver recluso entre árvores e bichos. Então, era uma pessoa que me fascinava porque era muito diferente de mim. E uma pessoa que me ensinava a ser contra mim mesmo. Eu me lembro do meu pai chegar pra mim e dizer assim: "Nunca peça, roube". (risos). Outro ensinamento que ele me dava, era assim: "Mulher, seja puta, seja santa, trate com respeito". Essas coisas todas.

E houve um tempo que eu querer ser padre, eu querer ir pro seminário, ai ele disse: "Não, quem quer ser padre aqui? Negócio de padre é pra veado". Então, era essa contradição permanente, entendeu? Mas eu, seguramente, fui o filho mais querido dele, porque era o cara com quem ele fazia confidências... Talvez, porque eu tivesse uma vida tão ampla e ele também teve, na juventude, uma vida tão ampla assim, em termos de experiência, que a gente conseguia dialogar. O meu pai chegava na minha casa, punha a rede dele onde ele queria, fumava onde queria, comia o que queria. Nunca a minha mulher foi fazer uma cama pro meu pai dormir porque estava aqui... Então, nunca foi trata-

do como visita. Meu pai cansava de deitar aqui (*Agostinho aponta para um canto de sua garagem*), punha os cachorros dentro da rede e nunca ninguém falou nada! Abria a porta de madrugada, ficava passeando, saindo, quer dizer, ele tinha uma liberdade plena. Então, esse lado, ele não encontrava com os meus irmãos. E, aqui, ele encontrava isso, pô! Talvez, porque fosse a terra dele, o Ceará, essa coisa toda e eu me beneficiasse disso.

Entrevista - Como foi a reação dele à sua saída de casa?

Agostinho - Ah! O meu pai fez tudo pra eu voltar. Tudo, tudo, tudo. Chegou a comprar um jipe velho porque eu nunca gostei de dirigir... Nunca coloquei como meta dirigir na minha vida. Porque, naquele tempo, a juventude, o negócio era dirigir, todo mundo era ali, de carro, aquela coisa

Fugia mesmo, não tinha esse negócio, ninguém conseguia me segurar. Eu sempre arrumava um jeito de pular o muro, quebrar uma janela e passar, sempre dei um jeito. Nunca fiquei preso em lugar nenhum.

Entrevista - Agostinho, na época que você saiu de casa, você era estudante secundarista, ainda. Que tipo de trabalho você teve que fazer pra sobreviver?

Agostinho - Ah, fiz de tudo! Desde limpar cocô de cachorro numa casa que eu ia lá fim de semana pra ganhar uns trocados. Eu fui feirante, eu fui bancário, eu fui escriturário, eu fui office-boy, fui engomador, não é engomador de roupa, não! Eu trabalhava numa engomadeira, que é uma máquina imensa que bota goma em tecido, pega o tecido cru e engoma. Que mais que eu fui? E a minha grande frustração é não ter sido confeiteiro de bolo (*risos*). Eu achava lindo! Ficava horas e horas olhando o cara confeitar um bolo, dizia assim: "Mas que milagre da vida!". Eu achava lindo confeitar bolo, eu queria aprender confeitar bolo. Não aprendi isso. Mas fiz de tudo. Fiz de tudo. E sempre fui um cara divertido e bem sucedido. Eu ganhava muita promoção, agora, sempre com o meu jeito. Eu trabalhei no Pão de Açúcar, fui boy do Bresser Pereira (*Luis Carlos Bresser Pereira, atual ministro da Administração e da Reforma do Estado e ex-diretor do Grupo Pão de Açúcar*). Tinha um português, lá, chato como o diabo... Ai, eu fui demitido de lá porque eu pus um gato, dei bastante comida pro gato e pus o gato numa sala dele, com ar-condicionado, toda atapetada e o gato cagou a sala toda. Quando vieram, já sabiam quem era o pai da criança, aí o gerente da minha área, Dr. Valmir, me lembro demais, disse: "Agostinho, infelizmente, você vai ter que ser demitido". Eu tava doente na época e ele ainda me deu uns dois meses de tratamento médico gratuito, ainda lá por conta da empresa. Mas eu era muito danado e nunca me preocupei com isso: "Onde eu vou dormir?", "o que eu vou comer?", "o que é que vai ser da minha vida?". Eu nunca me preocupei com isso. Eu sempre dava um jeito: ou pedia pra alguém, ou fazia algum serviço em qualquer canto. Nunca teve problema pra mim. Eu sou, realmente, um abençoadão.

Entrevista - Foi na poesia, na sua paixão pela literatura... Como se deu, como foi seu contato com a literatura?



Por trás de Agostinho existe uma mulher magra, baixinha, de "olhos arregalados e muito rissonha". Um alicerce forte, onde ele ergueu sua ponte de vida.

Agostinho apresentou-se de modo simples para a entrevista. Vestia camisa verde de malha e bermuda listrada, e calçava sandálias tipo franciscano.



A entrevista ocorreu na varanda da casa de Agostinho, no primeiro dia de greve dos professores da UFC, 17/04. A greve durou 67 dias e a entrevista, 2h20min.

Agostinho - A primeira memória que eu tenho da poesia era um livro didático que eu tinha, que tinha uma historinha, não me lembro qual era a história. Mas tinha um camarada que era até dentuço como eu. O título do texto era "O Poeta". E aquele dentuço... Sempre me identifico muito com aquele camarada. Ai, na escola, eu só tinha um jeito de me afirmar em relação aos outros, que era ser diferente deles. Porque todo mundo tinha família, todo mundo andava direitinho.

E a minha descoberta com a literatura foi um acaso. A minha professora de Português, dona Cândida, me lembro como se fosse hoje, bem gordona, bonachona, mas muito severa, entrou na sala de aula e pôs aquele "Soneto do Amor", de Camões (*Luiz Vaz de Camões, poeta épico, satírico, bucólico e comediógrafo português do século XVI*), na lousa: "Amor é ferida que dói e não se sente...", aquela coisa toda. Ai, eu fazendo bagunça na sala. Eu me sentava na penúltima carteira do lado esquerdo. E ela chegou pra mim e disse assim: "Ô, Agostinho, você que tá fazendo bagunça, você vai fazer a interpretação desse texto aqui". E era pra zero ou dez. Ai, eu disse: "Por isso, não!". Sempre fui metido. Ai, levantei, fui lá na frente, li e tal. E comecei a discorrer sobre aquele poema, o que é que eu entendia. Ela ficou tão vivamente impressionada que pôs um outro, do Fernando Pessoa, e eu fiz a mesma coisa. Ai, ela me chamou e disse: "Ô, por que você não lê, se dedica pra essa coisa?". Ai, eu comecei a me interessar por poesia. E ela me levava, pra todo canto, como número de circo. "Olha como ele interpreta um poema"... E me entregava um poema e eu dizia um bocado de coisa. Ai, eu comecei a desenvolver umas malandragens, porque eu percebi que eu tinha uma capacidade tão grande de envolver as pessoas, que eu começava a dizer as maiores loucuras e todo mundo achava que era aquilo mesmo, entendeu? Eu sempre fui um manipulador da opinião pública! (risos). Então, nasceu dai.

Depois, eu comecei a ler, sobretudo, os românticos. Ai, foi terrível minha vida! Porque parte do meu sofrimento veio do contágio dessa literatura. Castro Alves (*Antônio de Castro Alves, poeta baiano, abolicionista, do século XIX*), Fagundes Varela (*poeta carioca do século XIX, pertencente à segunda geração romântica da poesia brasileira, a geração do "mal do século"*), eu sou apaixonado por Fagundes Varela, Cassimiro de Abreu (*poeta brasileiro, também, da mesma geração de*

Fagundes Varela, boêmio, e que morreu, jovem, de tuberculose), Gonçalves Dias (*poeta da primeira geração romântica brasileira, a "geração indianista"*), morreu na miséria em 1864), Byron (*Georg Gordon Byron, célebre poeta inglês, 1788-1824*), Álvares de Azevedo (*poeta brasileiro da geração do "mal do século"*, cuja morte foi o grande tema de sua vida e de suas poesias)... Esses camaradas... Eu achava que ia morrer com 19, 20 anos, também. Que eu ia ter tuberculose e que eu ia morrer naquela idade mesmo!

Eu me lembro dum exercício de redação que o exercício era "Felicidade". Era pra escrever uma redação na aula da dona Cândida. Ai, eu escrevi um poeminha de quatro versos, e eu escrevi assim: "Sou criança, não quero brinquedos/ Nem, tampouco, sonho e felicidade/Só desejo queimar os dedos/ Na chama da imortalidade". Eu escrevi isso, eu tinha 14 anos! Então, essa questão da literatura ro-

"Eu lutava 24 horas por dia pra comer! Lá tava preocupado se o regime ia acabar, se não ia acabar! Tortura por tortura, eu fui torturado lá no Juizado (...)"

mântica me impregnou o espírito. Então, a minha tragédia passou a ser, digamos, a trajetória comum: "Bom eu tô passando por isso porque, realmente, eu sou um romântico, errei de século, tô no século XX, tô errado, aqui, e vou morrer de tuberculose". Mas, não era um medo! Isso, pra mim, era uma coisa fortíssima, que me atraía mais pra frente. De tal maneira que, quando eu não morri, aos 21 anos, eu fiquei desesperado! Tive uma depressão terrível! Quase me matei! (risos). Mas a literatura romântica é muito bonita.

Entrevista - Ea Universidade? Como foi esse seu encontro com a Universidade?

Agostinho - Como é que eu fiz meu curso? Ah, foi o maior acidente da minha vida! Porque eu era um camarada tão louco, tão fora do eixo, que minha amiga Cidinha me inscreveu pro primeiro vestibular. Eu fui, fiz e passei. Fiz lá na Faculdade Integrada Alcântara Machado, que era a FIAM, uma faculdade caríssima. Fiz nela seis meses, não pude pagar, tive que

sair e, depois, fui pra Cáspér Líbero. Porque eu não queria mais estudar e uma amiga minha, a Marta, que era irmã da Cidinha, chegou e disse assim: "Ou você estuda ou você não entra mais na minha casa". Como eu adorava viver lá, a Cidinha foi e fez a minha matrícula de novo e eu fiz novo vestibular. Eram 60 vagas, havia, pelo menos, três mil candidatos, eu tirei a última vaga, a sexagésima vaga. E nunca fiz cursinho. E nunca fui desses camaradas de virar a noite, estudando. Fiz na Cáspér Líbero e, dentro da Cáspér Líbero, eu era um aluno mediocre. E não tava preocupado com jornalismo, lá queria saber de jornalismo! Ficava pensando nas minhas poesias. Tanto é que eu fiz três anos de curso e só usei um caderno de 100 páginas! Três anos de curso. Eu tinha uma memória privilegiada, dificilmente faltava aula. Eu freqüentava a escola diuturnamente.

Mas era assim. Nunca pensei que o jornalismo fosse ser uma coisa tão importante na minha vida, no futuro. E, na faculdade, era a época da ditadura. As pessoas falavam da ditadura militar: "Vamos combater o regime, vamos combater a tortura". E aquilo não entrava na minha cabeça. Queria lá saber se ia mudar a ditadura, se não ia mudar! Porque essa informação, pra mim, não era importante! Eu lutava 24 horas por dia pra comer! Lá tava preocupado se o regime ia acabar, se não ia acabar! Tortura por tortura, eu fui torturado lá no Juizado de Menores! Tortura pra eles, pô! "Esses caras será que tão no Juizado?". Eu pensava assim, eu não tinha dimensão da coisa, da gravidade política. Eu sempre tive dificuldade de perceber isso. Só mais na frente que eu fui amadurecer pra isso e fui amadurecer pra isso, aqui, no Ceará, através do convívio com os amigos. Fui perceber que as pessoas discutiam isso e comecei a me informar um pouco sobre isso.

Mas eu nunca fui um marxista, eu nunca fui um intelectual, nunca fui um cara preocupado em combater a ditadura, em resgatar os valores democráticos, a liberdade... Não, porque eu já era livre! E tudo o que tinha que sofrer de tortura, discriminação eu já tava sofrendo, por que que eu ia lutar? Ditadura, pra mim, era o meu dia-a-dia, entendeu? Era o comer, era o trabalhar. Eu nunca fui a um congresso de estudante pra discutir os destinos do país. Eu nunca tive condição. Porque eu tava discutindo o meu! Eu tinha dois irmãos pra criar, dois irmãos mais novos, do primeiro casamento do meu pai. Eles recorri-

Agostinho e Anúzia moram com os filhos numa casa confortável no bairro do Papicu. A decoração é simples, destacando-se a presença de quadros e livros.

am a mim. O que eu ganhava, às vezes, os ajudava, comprando roupa, pagando escola. Então, como é que eu ia me preocupar com a ditadura se eu mesmo tava sendo torturado pela sociedade, naquele momento? Então, não tinha consciência disso.

Na época da faculdade, eu era bancário. Trabalhava no Banco do Estado do Paraná, tirei o primeiro lugar no concurso, também. Eu sempre fui bom nesse negócio de concurso! Aí, lutava pela sobrevivência. Nesse tempo que eu fui trabalhar no Banco do Estado do Paraná, eu comia um sanduíche um dia sim, um dia não. Era assim mesmo, literalmente. Comprava, ali, cem gramas de mortadela, dois pãezinhos, pronto, naquele dia eu almoçava. No dia seguinte, não almoçava. Aí, eu tinha uma ex-namorada, que me inscreveu pra esse concurso do Banco (sempre alguém me inscrevendo), o nome dela era Nanci, me inscreveu e disse: "Você vai lá fazer o concurso". Fiz, tirei o primeiro lugar, entrei no Banco, escolhi a agência, e ela disse pro gerente que (ela trabalhava no Banco) eu vivia naquela situação, etc e tal. Então, todos os dias, ele me dava 20 cruzeiros, pegava um papelzinho daqueles de banco, com "despesas de transportes", e eu, ali, almoçava. E me deu todos os livros da faculdade, eu me lembro que deu uma conta de 800 cruzeiros (não me lembro qual era a moeda da época) e eu passei juntando esse dinheiro durante dois anos. Quando eu fui pagá-lo, ele não quis receber.

Então, eu sempre tive essa sorte, sorte mesmo! Sempre fui, eu digo, eu não sou um escolhido, sou um eleito, por mais que eu sofra. Eu sei que tem alguma coisa que me empurra, que me protege, que me cutuca e eu vou, vou indo. Eu não sei como é que eu passo, não! Não me pergunte como é, que eu não sei.

Entrevista - Agostinho, você fala que tinha muito poucos motivos pra permanecer na Universidade, continuar estudando. Não haveria, assim, uma razão interior muito forte pra que, com todas essas adversidades, você conseguisse concluir?

Agostinho - Ah, os professores, pra mim, foram muito importantes. Eu era adorado! Era adorado pelos colegas, porque era um bagunceiro de fina flor, um grande farrista, e era adorado pelos professores porque eles viam, em mim, um potencial. Eu me lembro dum exercício de jornalismo interpretativo, do Torquato, professor Gaudêncio Torquato, que, hoje, é um dos grandes papas do Brasil na

área de Comunicação. Ele foi meu professor de jornalismo interpretativo e ele deu uma aula sobre perfil. Então, era pra fazer um perfil jornalístico de uma pessoa e eu escolhi meu professor José Geraldo Vieira, que foi o cara que traduziu toda a obra de Dostóievsk pro Português. Ele foi saudado por Pablo Neruda (*nome adotado pelo poeta, escritor e político chileno Nestor Ricardo Reyes e pelo qual é mundialmente conhecido*) na Universidade do Chile! Era um grande escritor, segundo Jorge Amado, um dos maiores escritores brasileiros, é um nome que não é popularizado, médico, foi amigo pessoal de Chaplin, Charles Chaplin, e ele era meu professor, usava um chapéu coco e ele dançava na sala de aula. E, como meu nome é Agostinho, ele chegava pra mim, todo dia, e dizia assim: "Você tem que saber, todo dia, uma história de Santo Agostinho pra mim".

"Ah, o casamento foi uma aventura! (...) Porque foi a primeira vez na minha vida que eu conheci uma pessoa que realmente entendeu aquilo o que eu era."

Então, me deu o "Solilóquio de Santo Agostinho" e, depois, me deu "Confissões de Santo Agostinho" pra eu ler. Então, eu fiz o perfil desse professor. E, quando eu entreguei o perfil, o professor Gaudêncio Torquato, muito rigoroso, leu meu perfil em voz alta, na sala de aula, e disse: "Aos poetas, tudo é permitido".

Agora, como isso acontecia, eu não sei. Eu não sei como é que essas coisas ocorriam. Eu não tinha consciência de que, eventualmente, eu escrevia bem, nunca tive consciência dessa coisa. Eu fazia porque eu tinha que fazer. Era como fazer cocô, eu fazia porque tinha que fazer, sabe? Entendeu? Eu não me preocupava se aquilo... Era uma coisa, assim, que vinha, espontaneamente pra mim.

Entrevista - Mas, tu não te sentias decepcionado mesmo, por estar dentro da Universidade e não sentir essa identificação?

Agostinho - Nunca. Porque, era engraçado; eu tenho uma maneira de resolver as coisas que é assim. Então, isso não me incomoda. Esses valores não me incomodam. Deixa todo mundo acreditar neles, que eu vou na

minha. E vou, aqui, na gandaia, se tiver espaço, eu vou junto, se não tiver, eu vou do lado de fora, não tem problema, mas eu chego junto. Então, nunca essa coisa da Universidade... Nunca. Eu levava, assim, na brincadeira, mesmo, o tempo todo brincando. Não dava tempo d'eu pensar nas coisas sérias. Tinha mais o que fazer! (risos).

Entrevista - E o casamento, Agostinho? Como foi?

Agostinho - Ah, o casamento foi uma aventura! (pausa) O casamento foi um aventura, assim, extremamente rica pra mim. Porque foi a primeira vez na minha vida que eu conheci uma pessoa que realmente entendeu aquilo o que eu era. Eu andava com umas roupas horríveis, porque as roupas que eu tinha, eu davatadas. Não tinha dinheiro pra nada. E a minha mulher já era professora universitária, era professora desde 20 anos, 21 anos. Era uma mulher técnica da CEPA, que, na época, era um órgão do Governo do Estado extremamente importante (Comissão Estadual de Planejamento Agrícola). Era uma pessoa, então, formada, fazendo mestrado na USP e conhece esse doido, que era um absoluto louco. E eu ia lá no apartamento dela (porque ela morava com minha prima e uma amiga) levar os remédios pra minha tia, que morava aqui (os remédios não existiam aqui, eu comprava em São Paulo e mandava pra cá), e conheci a Anúzia. Conheci ela numa semana, não gostei, achei muito risonha, cheia de dentes (risos). Disse: "Não, não é essa daí não!". Mas, deu uma semana depois, eu voltei e, aconteceu. Aí, me apaixonei de forma definitiva e absoluta e, aí, estamos aqui até hoje, dialogando.

Entrevista - Foi quanto tempo de namoro até o casamento?

Agostinho - Até o casamento? Assim, até a gente decidir viver junto, mesmo, foi uma semana, "Topa?" "Topo!" "Então, vamos lá!".

Entrevista - Agostinho, eu queria voltar um pouquinho antes do casamento, como é que foram as tuas paixões de infância, de adolescência...

Agostinho - Ah, sempre fui um indivíduo absolutamente utópico. Sempre fui, como é que se diz? Aquele amor... (*todos*) platônico! Eu nunca fui um camarada, assim, carnal, de ter que tocar as mulheres... Isso nunca foi uma coisa importante pra mim. Era uma coisa com que eu, como um romântico autêntico, achava aquela coisa, assim, que a mulher devia ser



O início da entrevista foi marcado pelo nervosismo de ambas as partes. Ao final, virou um bate-papo regado a uísque, vinho e cerveja, com direito a jantar.



Agostinho acredita que não está aqui à toa, tem uma missão a cumprir na terra. Para ele, toda nossa existência tem algum significado, não vem do nada.

intocável. E, então, essa revolução sexual que tava ocorrendo, eu num participei disso, também. Não vi essa coisa acontecer. Beatles, eu não vi Beatles acontecer. Foi do meu tempo, mas eu não vi Beatles acontecer. Não vi Rolling Stones acontecer. Não vi nada disso acontecer porque eu tava enfiado nesse mundo, prisioneiro dele.

E, antes, os meus namoros foram, assim, fascinantes, mulheres maravilhosas, todas muito apaixonadas por mim, algumas não tão apaixonadas, mas extremamente solidárias e amigas. Tanto é que eu passei a vida sendo inscrito num canto, sendo inscrito no outro. Por quê? Porque sempre tive alguém que me empurrava, “não, o Agostinho tem talento, tem inteligência”, e eu ia naquele negócio, mas lá sabia em que que aquilo ia dar! Foram grandes amores, mesmo.

Eu me lembro da Nanci, me lembro da Luzia, eu me lembro da Norminha, eu me lembro da Vera (que era uma menina que fazia Psicologia, tava estudando Psicologia, e tratava de mim porque ela doida pra arrumar um doido pra tratar!) (risos). Eu me lembro que ela colecionava tudo aquilo que eu escrevia. Ai, depois, ficava analisando... Foi uma das pessoas mais belas que eu conheci, em termos de espiritualidade, foi a Vera Lúcia. Mas meus namoros foram assim, eu nunca tive “preocupação sexual como o desempenho”, ter que ter vinte namoradas pra me afirmar. Tanto é que, houve um tempo em que as pessoas: “Pô, Agostinho, você deve ser bicha! Porque a gente convida você pra sair, sair com as meninas...”, não tem aquelas meninas certas já? Eu nunca fui. Nunca fui! E achava aquilo uma tolice! Eu digo: “Mas pra que que eu vou nisso? Eu vou ler é poesia!”. Então, eu me lembro que, uma vez, o camarada arrumou uma menina, linda a menina, disse: “Ela tá a fim”. Eu disse: “Coliga, eu vou ler um livro, agora, e não posso perder tempo com isso!” (risos). Então, essa coisa nunca foi importante pra mim. “Quantidade”, “comer todo mundo”, “eu sou machão”... Não, isso nunca foi problema pra mim. Eu sempre busquei alguma coisa a mais, sabe? O que tá além da aparência física, alguma coisa que estava no espírito e que seja definitiva. (pausa)

Aí, depois, eu gostaria de ler um poema que eu escrevi, na véspera da morte do meu pai, que eu fiz inspirado pelo amor do meu pai pela minha mãe. Porque, na véspera da morte dele, ele passou a noite todinha falando na minha mãe e, quando foi três horas da manhã, eu não conseguia

dormir, mas era uma insônia diferente, é como se meu espírito quisesse vomitar alguma coisa e aquela coisa me incomodando... Eu não ficava quieto na cama e tomava café, sentava numa cadeira, nada daquilo, ai, eu fiz esse poema chamado “Sempre”, que eu, depois, gostaria de ler pra vocês. E fiz pensando que eu tava fazendo pra ela (*dirige-se para a mulher, Anúzia*). Embora eu estivesse pensando nela, o poema foi inspirado nesse grande amor que o meu pai teve pela minha mãe. Então, depois, eu gostaria de ler porque é uma coisa que foi escrito num momento, assim, que eu pressenti que alguma coisa...

Tanto é que, quando terminou o poema, eu fiquei me sentindo mal, comecei a me sentir mal, fraco, e me deu uma grande, imensa, vontade de chorar porque é como se eu estivesse preparando uma alegria, uma alegria de morte. Como se meu pai tivesse vindo, em espírito, me avisar, “olha,

las do meu amor se espalharão no vento e irão, correndo, chamar os teus cabelos / As estrelas já terão estendido suas mãozinhas de crochê / E a escuridão absoluta se apossará dos meus ossos / Mas, dentro da morte, a lembrança do teu amor me tornará incandescente / E poderás colher, da inevitável saudade, esta flor definitiva de minha alma, chamada ‘sempre’.” Então, foi esse poema que eu escrevi nessa noite e que eu acho que é uma mensagem de quem tá morrendo! Então, foi uma coisa, assim, muito forte isso aqui e que, depois, no dia seguinte, eu li, não entendi por que diabo eu escrevi isso. Foi uma coisa... Tanto é que tá aqui o original, como eu esbocei, rapidamente, riscado. Tem alguma coisa, ainda, que eu vou mexer, depois, eu passo a limpo no computador do jeito que tá aqui, dou pra vocês. (pausa) É isso.

Entrevista - A gente sabe que você tem uma concepção de relacionamento muito bonita. Queria que você falasse sobre essa sua concepção. Essa sua relação, que você construiu com a Anúzia, que é uma coisa muito bonita, de muito respeito, vem dessa base da sua família, do seu pai com a sua mãe?

Agostinho - Vem disso, mas não só disso. Meu pai era um indivíduo absolutamente mulherengo. Meu pai era um camarada que tinha muitas mulheres, era farrista. Meu pai nunca foi de beber, mas farrista, mulherengo, ele era. Agora, isso é uma coisa minha, pessoal mesmo, é uma característica inerente à minha pessoa. E a minha filosofia é essa. Quando eu conheci a Anúzia, eu fiz um poema muito simplezinho, que eu vou tentar recuperar de memória, e define minha filosofia no que diz respeito a amor. Diz assim: “Quando me vires olhando o corpo de outra mulher, não tendes ciúmes, estarei, apenas, amando um pedaço de ti mesma. Agora, se me vires, fixo, olhando, exclusivamente, para ti, aí, tende ciúmes, porque eu estarei amando todas as mulheres.” Quer, dizer, é a forma de sintetizar, numa só pessoa, todas as possibilidades. Então, pra se fazer um grande jogo, não preciso mais do que um baralho; um baralho é feito de várias cartas. Cada vez que você cruza as cartas, elas têm vários significados. Eu vejo a alma humana assim. A alma humana, pra mim, é isso. Eu sintetizo isso. O amor pra mim é isso. Isso não quer dizer que eu sou santo, que eu sou fiel absoluto, que eu não penso em outras mulheres, não! Sou de carne e osso, espírito. Sou como

Enquanto o pequeno Davi permanecia atento à entrevista, o “gigante” João Paulo curtiu Cds de reggae. O gosto musical atraiu um dos alunos após a entrevista.

todo mundo é! Simplesmente, eu tenho uma filosofia e tento seguir o máximo que eu posso, né? Esse compromisso que eu tenho comigo mesmo. Não é um compromisso que eu tenho com ela. Comigo mesmo. É um desafio pra mim.

Entrevista - Agostinho, e os filhos nesse relacionamento? Quando surgiu e como é essa sua preocupação com a educação deles, já que você passou por muitas coisas que você, no princípio da entrevista, disse que um dos medos que você tinha, se é que você tinha algum medo, era você, tendo passado por aquilo, fazer com que os seus filhos não passassem por aquilo?

Agostinho - Isso é uma coisa constante, na vida, acho que de todo pai, e, particularmente, na minha é muito forte, é de que eu acho que a pessoa tem que ser feliz. Ela tem que ter as condições de se desenvolver intelectualmente, na sua plenitude, seja qual for sua vocação: se querer engenheiro, se quer ser médico, se quer ser esportista, se quer ser bailarino, se quer ser lixeiro, se quer ser mecânico, se quer ser professor de inglês, que ser professor de tricô, enfim, qualquer coisa em que o indivíduo se projete na vida e encontre a felicidade dele naquilo. Não a felicidade no que diz respeito à remuneração, mas uma felicidade interior, na realização daquele trabalho.

A outra coisa é a pessoa ser capaz de amar o outro, de entender o outro, de buscar dar de si um pouco para esse todo que tá aí. Eu acho isso fundamental ter um ser humano assim, sobretudo, dentro dum mundo egoísta. Dentro dum mundo egoísta, é fundamental que você tente criar pessoas assim porque você vai reduzir o grau de egoísmo, pelo menos. Porque eu penso naquela frase que diz: "Se você não pode derrotar os canalhas, pelo menos não seja um deles". Eu penso muito nisso. O que eu puder fazer, em termos de filhos, de mulher, dos meus alunos, eu faço. Eu quero ser correto pelo seguinte: "Bom, você passou ali, passou? Passou. Fez o que tinha que ter feito?". "Fiz". Então, isso tá tranquilo na minha cabeça.

Por isso que, talvez, o pessoal diga que, quando eu trabalhei, eu tenho essa capacidade porque eu acho que, realmente, o meu papel é esse. Eu não tô preocupado se vou ter aumento de salário, se eu vou ficar queridinho do patrão, se eu vou assinar a grande matéria pra ganhar o grande prêmio. Eu não tô preocupado com essas coisas. Essas coisas não

dizem respeito a mim. Não têm importância nenhuma pra mim. Não têm significado nenhum. Eu acho que é muito pequeno colocar a vida só nisso, entendeu? Eu tô noutra! Tô noutra! Quero dialogar com os anjos, grandes conversas, à luz de velas, com um bom vinho, um bom uísque... Ai, nós nos entenderemos até o fim dos tempos! Eu tô preocupado é com isso, entendeu? É encontrar com Deus, mas encontrar com Deus de forma confortável, amiga, sem salamaleques, sem eu ter que fazer isso, nome do Pai, nada disso, entendeu? Eu tô preocupado é com isso, com essa dimensão fora do corpo e que está dentro do corpo e que pode operar sobre o corpo. Essa dimensão é magnífica! É a mais bela de todas! Porque não podem tirar isso de mim. A única coisa que eu tenho de valor é isso. Meus filhos não podem tirar isso de mim, a minha mulher não pode tirar isso de mim. Eu posso tentar legar um pouco de mim, se é que eu posso legar alguma coisa, na minha simplicidade, na minha pequenez, a alguém. Mas isso é uma coisa minha e que ninguém

"Eu não tô preocupado se vou (...) assinar a grande matéria pra ganhar o grande prêmio. (...) Eu acho que é muito pequeno colocar a vida só nisso, entendeu?"

vai tirar, né? É dessa maneira que eu vou me encontrar com o Criador e, seguramente, será um grande encontro. Alegre, descompromissado... E que eu não vou deixar de me queixar; se Ele der moleza, eu dou um chute na perna Dele! Dou um murro nas orelhas Dele! Porque, foi muito sacana comigo em alguns momentos.

Entrevista - Agostinho, como foi a sua vinda pra Fortaleza e a construção de uma vida, aqui, numa outra cidade, que você não conhecia, embora fosse dos seus pais?

Agostinho - Eu vim aqui uma vez quando eu era bebê, não me adaptei ao clima, tive uma crise grave, uma doença grave e tive que voltar pra São Paulo. Da outra vez que eu vim, vim com 19 anos, (pausa) e gostei demais, me diverti muito aqui, tinha os meus primos. Foi um dos poucos momentos da minha vida que eu me diverti. Eu me lembro que eu não

queria vir, meu pai me colocou, na marra, dentro do carro e disse: "Não, você vai conhecer a sua avó". Porque eu não conhecia minha avó.

Quando eu cheguei e vi minha avó pela primeira vez, eu tive uma crise de choro, que demorou, assim, umas duas horas. Eu me lembro que eu fiquei deitado numa rede em Maranguape e me deram chá de casca de laranja, sei lá, folha de laranja. Eu sei que era um chá de laranja pra eu me acalmar. Porque aquilo foi uma emoção tão forte, eu nunca tinha pronunciado essa palavra "vô", "avó", "vô". Foi uma coisa muito dolorosa.

Depois eu casei, vim pra cá, foi uma decisão que a Anúzia tinha que voltar (ela era da Universidade, da CEPA, ela tinha que pagar o tempo dela, aqui, que ela ficou lá). E, como eu tava começando, eu vim pra cá. Foi um começo difícil, profissionalmente, do ponto de vista afetivo, também, porque você, quando chega num lugar diferente, você não conhece ninguém. O meu primeiro emprego foi no Jornal O Povo. Aqui, geralmente, "ah, você é filho do fulano, né?". Eu sou um indivíduo sem tradições, tinha raízes, mas não tinha tradição. Então, tive que construir essa tradição com aquilo que eu tinha. E, como sempre, foi divertido, também.

Eu trabalhava no Jornal O Povo, trabalhei lá sete meses, fui demitido porque rasguei um recibo e joguei na cabeça do Raymundo Costa (José Raymundo Costa de Albuquerque, atual vice-presidente do Jornal O Povo), porque eu vi ele fazer um homem chorar por causa de vinte centavos, uma vez. Aquilo me revoltou, "um dia você pega quem lhe enfrente", e pegou mesmo. Por conta disso, eu passei oito meses a um ano desempregado. Eu me lembro que eu fui no canal 8 (TV Cidade, retransmissora do SBT em Fortaleza) pedir emprego e, depois de oito vezes tentando falar com a pessoa, que eu não queria mencionar o nome porque, hoje, é uma pessoa até que eu gosto, disse: "Oh, eu não lhe dou emprego porque você é paulista". Eu tinha depressões horríveis. Fiz tratamento por conta da depressão durante o período porque era uma situação extremamente trágica; eu sempre trabalhei desde pequeno. Eu sempre provi a mim mesmo e ter que depender de mulher, havia comentários, "não, porque casou, porque...". Isso, pra mim, feria o meu amor próprio de forma profunda, sabe? Então, eu tinha profundas depressões e fiz um tratamento. Meu psiquiatra, na época, chegou pra mim e disse assim: "Bom,



Marcos Davi, filho mais novo de Agostinho, mostrou interesse em acompanhar toda a entrevista ao lado do pai. Sentou-se à janela, mas acabou indo dormir.

João Paulo recebeu visitas na hora da entrevista. A galera gritou por ele lá fora mas quem fez barulho foi o próprio ao abrir o portão. Está tudo registrado!



A emoção dominou o ambiente após a entrevista. Houve comentários de que o "diálogo possível" ocorreu mesmo quando os gravadores foram desligados.

essa depressão que você tá é tão profunda, que só sai com medicamento". Eu recusei os medicamentos e adotei uma metodologia de recuperação.

Em primeiro lugar, eu lia, todo dia, um trecho da Bíblia e ficava deixando com que aquela coisa fosse me penetrando. Em segundo lugar, comecei a criar, dentro de mim, mecanismos de sobrevivência, em que eu ficava horas e horas calado, mas desenvolvendo, dentro de mim, aquela capacidade de reação. É lógico que teve o apoio da família. A minha mulher foi fundamental, teve muita paciência. Tive pra ir embora daqui várias vezes porque eu não aguentava, não suportava, ficava aquele estando, de ficar ocioso, de procurar lugar pra trabalhar e não ter. Ter toda uma juventude, todo aquele empenho de me realizar profissionalmente e não poder trabalhar. Isso foi muito ruim, foi um dos momentos mais difíceis da minha vida. Talvez, eu tenha sofrido mais nesse período do que morando lá na favela. Mas, esse momento foi trágico pra mim. Eu já tinha meu filho mais velho, o João Paulo, e era difícil pra mim sentar na mesa, comer aquela comida e saber que não era eu que tinha contribuído pra que ela estivesse ali, que a minha mulher comprou essa casa e eu não tinha contribuído, então, são coisas que me incomodavam profundamente. Então eu pensava em sair de casa, não por causa de outra mulher. Eu pensava em sair de casa pra viver, exatamente, com o que eu tinha. "Bom, se eu não tenho nada, nenhum tostão pra viver, então vou viver sem nenhum tostão, acabei! Se o jogo é esse, eu topo, de novo!". Então, foi um processo doloroso, mesmo porque colocava, bem próximo de mim, uma perda imediata. Alguma coisa que eu tinha conquistado e que, novamente, ia perder. Então, a dor era muito maior.

Entrevista - Já tinha tido alguma experiência com o jornalismo, em São Paulo?

Agostinho - Tinha, eu trabalhei na Rádio Tupi de São Paulo e fiz um pequeno estágio na Folha (*jornal Folha de São Paulo*), com meu professor Emir Nogueira (foi editor especial da Folha de São Paulo em 1978 e presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo). Na Rádio Tupi, também comecei como... fui um fracasso como repórter, e me puseram, lá, pra limpar as mesas, varrer o chão... Mas, aí, um redator adoeceu e me pediram que eu fosse (estagiário aguenta tudo, né?!) trabalhar no domingo. E eu fiz um jornal, excelente,

ai, me deram um programa. Ganhei um programa durante a semana, chamado "Operação Retorno", que era na hora nobre do rádio, em São Paulo, de seis às seis e meia. Ney Gonçalves Dias que apresentava. Trabalhava com Elizabete Volpi, que era sobrinha daquele pintor, o Volpi, que era a primeira estagiária; a Renata Gurgel, que, hoje, tá na Folha; Helena de Gramom, Regina de Gramom, que eram primas; a Flávia Ribeiro, que foi uma grande jornalista, ela casou, foi pra Europa, mas ela trabalhou na Veja, trabalhou na Globo. E eu fiquei lá, nesse grupo aí. Foi uma coisa muito boa pra mim, trabalhei com grandes nomes do jornalismo e convivi com grandes nomes do jornalismo e aprendi muito com eles, né?

Entrevista - Ô, Agostinho, quando é que o jornalismo cearense teve a oportunidade de conhecer o seu trabalho?

Agostinho - Olha, efetivamente,

devemos esse prêmio ao Agostinho, que nos ensinou a trabalhar...", essa coisa toda, tem vários depoimentos assim. Então, pra mim, isso é meu grande prêmio.

Entrevista - Agostinho, depois desse tempo negro que você passou, assim, desempregado, qual foi o primeiro jornal que você trabalhou? Você assumiu logo uma chefia, assim que entrou?

Agostinho - Foi. Eu trabalhei no Diário do Nordeste. Não! Antes, eu passei pelo Meio-Dia (*jornal que circulou em Fortaleza entre os anos de 1980 e 1981*). Lá, fui repórter, presepeiro como todo! Eu me lembro duma série de reportagens que eu fiz sobre o Monte Castelo. Essa reportagem foi importantíssima na questão do conflito de terras, aqui, no Ceará. Foi a primeira vez que o Estatuto da Terra foi aplicado, aqui, no Estado do Ceará e a segunda no Nordeste. Os padres compravam pilhas

do jornal, quatro mil, cinco mil exemplares. Então, eu vendi o jornal. E essa história de Monte Castelo, quando eu conheci a Maria Luísa (*Maria Luiza Fontenelle, ex-prefeita de Fortaleza, de 1986 a 1988*), conheci o pessoal da esquerda, aqui. Agora, eu não fazia aquilo porque eu era de esquerda e achava que tinha que combater, não. Fazia pela solidariedade mesmo, porque eu achava uma sacanagem a polícia chegar espancando uma família de agricultores. Eram 27 famílias que, depois, o processo acabou beneficiando uns 36, aquela coisa toda. Trabalhei no Meio-Dia, foi o jornal que eu fechei, com uma manchete que eu dei sobre o Pirambu (*bairro pobre de Fortaleza*): "Pirambu condena Lúcio, Virgílio e Político Demagógicos" (refere-se a Lúcio Alcântara, ex-prefeito de Fortaleza e atual senador pelo PSD, e Virgílio Távora, ex-governador do Ceará, já falecido). No outro dia, fecharam o jornal. Quarenta e tantas pessoas ficaram desempregadas, por conta dessa minha...

Entrevista - Que época era essa?

Agostinho - 1981, por aí. Era bem jovem, ainda. E nessa época, eu já era chefe de reportagem. Chico Auto (*jornalista Francisco Auto Filho*) era o secretário da redação, Adisia Sá, a editora chefe. (pausa) Aí, fui trabalhar no Diário. No Diário, eu entrei como repórter, não fiquei 15 dias como repórter. Fui logo promovido pra editor de Cidades, depois pra chefe de reportagem e eu, seguramente, seria secretário ou editor do jornal

O casal Gósson ofereceu um delicioso jantar recheado com salada de frutas, frango ao molho, arroz e batatas fritas. No melhor estilo self-serviço!

se o proprietário Edson Queiroz tivesse vivo, porque ele gostava muito de mim. Eu nunca puxei o saco dele. Com ele, eu tive uma excelente relação, porque eu não puxava o saco dele e brigava. E foi uma das pessoas que eu aprendi a admirar por essa capacidade que ele tinha de ouvir e de entender. Ele era um cara, dentro da formação conservadora dele, dentro daquela visão empresarial dura, quase "inumana", eu penso assim, mas ele parava pra ouvir. Ele era um cara superinteligente o Edson Queiroz, tanto é que ficou um homem rico, né? Tinha as contradições políticas dele, mas era um cara que não tinha medo de dialogar. Eu não sei como ele não me demitiu! Porque eu o afrontava, assim, deliberadamente. Ele começava a conversar comigo... Me chamava de zangado, "não, você é muito zangado!"... Negócio do chaveiro, que ele jogou na minha mesa e eu joguei nos pés dele. Eu disse: "Ô, se o senhor quiser me dar um chaveiro de presente, o senhor entrega na mão que eu aceito, agora, se jogar, eu não sou puta, jogo lá pro chão, também!". Ele sentava na minha mesa, conversava, e isso criou uma ciumeira dentro do jornal. Ele chegava, passava por todo mundo, sentava na minha mesa e ia conversar comigo. Então, era uma relação assim, entendeu? Foi uma das pessoas que eu aprendi a admirar, Edson Queiroz.

Entrevista - Falando desse seu inicio no jornalismo, no Ceará... Você teve uma bagagem literária muito grande. De que forma essa sua bagagem literária contribuiu para sua formação como jornalista?

Agostinho - Bom, primeiro, a densidade da leitura lhe ensina a pensar. O outro lado que a leitura desenvolve é a sua sensibilidade. Quer dizer, você deixa de ser um indivíduo apenas sensível no que diz respeito ao aspecto espiritual, humano, mas, também, passa a ser sensível racional. Quer dizer, você começa a entender aquelas realidades todas. Em segundo lugar, em termos de qualidade de texto, você se expressa muito melhor, tem pique pra escrever muito. Os jornais daquela época davam espaço pra reportagem, hoje, as reportagens estão todas picadas. Era o tempo do jornalismo de muito texto. E foi fundamental pra essa perspectiva. Eu me lembro que, em alguns jornais que eu trabalhei, por exemplo, o Meio-Dia, o pessoal na revisão brigava pra revisar meus textos porque achava bonito. Achavam bonitos meus textos. E, no outro dia, eu tinha uma raiva dana- da porque ou a revisão errava, ou

alguém melava as coisas todas. Teve umas coisas que eu publiquei que são, hoje, impublicáveis. Eu não gosto de ler aquilo que eu escrevi. Geralmente, eu escrevo uma coisa... Se não for guardada em algum canto, eu esqueço. Então, foi esse caminho aí. Nada de especial, não.

Entrevista - Agostinho, você falou que só foi entender o jornalismo depois que entrou na Universidade e que foi uma certa decepção pra você. Por quê?

Agostinho - O jornalismo? Porque é muito real. É um real mitificado. O jornalismo tem uma grande dificuldade, que é perceber o ser humano na sua totalidade. É um defeito dele, que ele não consegue superar: ele não consegue ver o ser humano na totalidade. É sempre aquele lado, é sempre tudo que cabe. É sempre o cara falan-

“Hoje eu consigo pensar minha vida sem fazer jornalismo. E é uma decisão que eu tô pra tomar (...). Eu tenho até pena de mim, se eu tomar essa decisão.”

do 15 segundos na televisão, é sempre você tirando uma citação do discurso do entrevistado. É uma limitação do jornalismo. E eu acho que isso empobrece, dificulta. Você não consegue fazer com que as pessoas apareçam como elas são efetivamente. Acho que isso é uma frustração, muito grande, como profissional. Eu acho que todos vocês vão sentir isso na profissão. Não há espaço pra isso. Há, hoje, uma pressa muito grande, uma briga pela informação, senão exclusividade, mas a forma como você trabalha a informação. Isso é uma tortura, isso é uma coisa que perturba muito.

Entrevista - Agostinho, há pouco tempo você falou em relação ao seu texto. E eu me lembrei que a Rachel de Queiroz (escritora, carente, autora de "O Quinze" e "Memorial de Maria Moura", membro da Academia Brasileira de Letras - ABL) sempre diz que não gosta de escrever, uma das maiores torturas pra ela é sentar e enfrentar o texto. Como é que é essa relação quando você se vê diante de uma máquina de escrever?

Agostinho - Eu sou absolutamente preguiçoso. Detesto escrever. Se pudesse, gravava tudo o que eu tinha

pensado. Não tenho nada anotado. Tudo que penso, não anoto nada. E, quando vou pro computador, que tenho que escrever um texto, isso pra mim é uma tortura. Me dá uma preguiça que só Deus sabe. Ai, geralmente, eu boto um uísque, relaxo, aí pronto, pego corda, vou embora. Fumo um cigarro, ali, e vou, entendeu? Mas, o primeiro contato com o texto, pra mim, sempre é difícil. Eu nunca consigo escrever um texto na primeira. Eu fico ali pensando, namorando, escrevo cinco, seis linhas, aí fico com essas cinco, seis linhas, dez minutos, brincando. Depois, aí não, a coisa vem, entrou, pronto. Mas realmente é cansativo escrever. Ficar naquela posição, ali sentado naquela máquina, é cansativo.

Entrevista - Agostinho, por que você resolveu fazer jornalismo?

Agostinho - Eu não resolvi, resolveram por mim! (risos) Porque os meus amigos disseram: "Pô, você devia fazer jornalismo"... Ai, eu fui fazer jornalismo. Mas nunca pensei que jornalismo era isso, essa coisa toda.

Entrevista - Agostinho, nesse período que você ficou aqui em Fortaleza, numa situação muito difícil pra você, você pensou em procurar outra coisa que não fosse ligado ao jornalismo?

Agostinho - Não, naquele momento não. Salvo vender banana na praça José de Alencar, que eu achava que ia terminar assim (e ainda há essa possibilidade) (risos), não pensei em dar outro norte na minha vida, não.

Entrevista - E, hoje, Agostinho? Consegue viver sem fazer jornalismo?

Agostinho - Hoje eu consigo pensar minha vida sem fazer jornalismo. E é uma decisão que eu tô pra tomar, não sei se a tomarei. Eu tenho até pena de mim, se eu tomar essa decisão. Porque vai ser uma coisa muito forte e muito dolorosa. Mas que é uma coisa que eu vejo que se avizinha perto de mim e eu não sei o que é que eu vou fazer. Eu não sei o que é que eu vou fazer. Eu sou um péssimo comerciante. Eu não sei fazer uma conta, né, eu não sei fazer um desenho, sou péssimo desenhista. Meus meninos eram pequenos, me pediram pra eu desenhar uma casa, o João Paulo: "Pai, desenha uma casa pra mim". Eu desenhei a casa, ele disse: "Bom, assim eu sei fazer!" (risos). Então, eu não sei o que é que eu vou fazer. Mas que eu tenho essa vontade, dentro de mim, tenho. Tenho mesmo.

Entrevista - Por quê?



Após a entrevista e com uns uísques a mais, Agostinho embebedou-se de nostalgia. Relembrou a infância traquina, quando arquitetava maneiros de rir.

Agostinho não tem contato com parentes locais. Confessou ser uma pessoa solitária, que prefere ficar em casa, embriagando-se com literatura e uísque.



"Quando eu vou na casa de uma pessoa, a pessoa se sinta o super homenageado porque eu não saio de casa pra ir na casa de ninguém", fala Agostinho Góssor.

No balanço da família Góssor, o saldo é de oito "Agostinhos". Nenhum é santo, nem todos se entendem. Em resumo, uma família normal de classe média.

Agostinho - Por conta das dificuldades que você vê. O jornalismo virou um grande negócio, exclusivamente um grande negócio, é só marketing... São raros os momentos em que o jornalismo se afirma dentro da sua força, que é a da vigilância, da denúncia, a do engrandecimento do homem, né? Virou muito essa coisa de "quanto exemplares a gente vai vender?", "se a gente der um escândalo, todo dia, vende mais", entendeu? Passa a ser uma coisa, assim, muito comércio. Só comércio, só comércio, só comércio, só comércio.

Entrevista - *Agostinho*, e você acredita que possa ser construído um novo modelo?

Agostinho - Não, nessa sociedade, não. Uma sociedade absolutamente voltada pro consumo, em que o consumo se dá em torno de grifes, se dá em torno de marca, né? Nós estamos na era das marcas: é Coca-Cola, é Pepsi, é Volkswagen, é Fiat, é Atlantic, é Esso, é Shell, é Brastemp... É a época das marcas. As crianças, hoje, elas não compram roupa, elas compram grife. Então, é a época das marcas.

Numa época de marcas, eu não vejo como é que o jornalismo autêntico, vigoroso, poderá surgir sem ter a preocupação de se criar uma marca pra isso. Mesmo porque o mercado editorial, também, se sofisticou muito. Você veja a literatura, hoje, tem caráter extremamente perecível. O cara lança uma obra-prima, hoje, daqui a quinze dias tem que lançar outra porque senão ele morre. Então, a coisa é muito digerível. Eu não acredito que haja espaço pra essa coisa.

E o Brasil é um país covarde. É um país de elites covardes, criminosas. Eles não deixam o povo escrever sua história. Então, se o povo não escreve sua história, não tem espaço pro jornalismo. Diferente de um povo francês, de um povo americano, que passaram por grandes dramas, né? Viveram o drama da Segunda Guerra, da Primeira Guerra Mundial, ameaça constante do conflito da Guerra Fria. Então, são povos diferentes, que aprendem a valorizar o discurso. O discurso num tá ali, apenas, pra ser vendido. Uma das coisas mais lindas da vida do Pablo Neruda foi o livro "Canta General", que ele escreveu na frente de batalha da Espanha e, depois, esse livro foi impresso em pele humana! Porque não havia papel. E esse livro, ele viu em Nova York, esse exemplar, único, num museu de Nova York, e disse que uma das maiores angústias da vida dele foi não poder tocar aquilo que ele havia realizado.

São culturas muito fortes, né? E esses povos, de alguma maneira, romperam com essas elites que tinham no momento e escreveram a sua história. O jornalismo, nesse momento... Ai que ele passa a ser rigoroso, passa a ser essencial, passa a ser indispensável.

Veja o caso da Bósnia, da Jugoslávia: o jornalismo foi palpável! Os caras resistiram a tudo, bomba, entendeu? Então, nos períodos de guerra, nos períodos revolucionários, essa questão, essa dimensão do jornalismo como alguma coisa que venha a ajudar o homem a se resgatar, é fundamental. Porque, nesses momentos, ele interliga os homens pelos valores essenciais, né, que é a questão do "estar vivo". É a primeira coisa porque não há comunicação sem vida e não há vida sem comunicação. Então, quando vem esse momento, se dá o jornalismo autêntico.

"E o Brasil é um país covarde. É um país de elites covardes, criminosas. Eles não deixam o povo escrever sua história. (...) Não tem espaço pro jornalismo."

Você pega a história da nossa independência, a história das nossas revoluções, a geração, por exemplo, de 1824, que foi pobre em termos de jornais, mas que foi rica em termos daquilo que eles fizeram na Confederação do Equador, que teve uma grande repercussão, aqui, no Ceará. E, sobretudo, a geração que viveu de 1848, a geração militar que escreveu uma das mais belas páginas do jornalismo brasileiro... Eram pessoas que lutavam pela ideia da liberdade, influenciadas por aquele jornalismo francês do século XVIII, em que era a questão da revolução, resgatar o homem da sua miséria e torná-lo racional, torná-lo compreensor do mundo, entendedor do mundo. Então, o jornalismo brasileiro teve grandes momentos. Mas, hoje, eu não vejo, é tudo uma coisa de marketing. É um dando carro, outro dando enciclopédia. Ninguém compra mais jornal pra se apaixonar pelas pessoas, né? Não existe aquela grande história.

Entrevista - *Agostinho*, numa situação como essa, então, a reportagem tende a morrer?

Agostinho - Não. Não porque ela foi

industrializada. Hoje, ela tem uma feição, que ela tem determinadas características e que se verifica que funcionam, em termos de mercado. "Olha, escreva assim que dá certo, Tem público pra isso", né? Então, você faz uma revista como aquela Sexy e entrevista a (modelo) Adriane Galisteu, ela diz que adora fazer sexo anal com uma antena. Ai, isso vende a revista, então, faz a reportagem assim: tem que dizer que ela gosta de transar com a antena. Você pega a Isto É, por exemplo, eu vi uma entrevista na televisão com o pessoal da Isto É, eles ficam escolhendo a melhor capa, qual é a capa que vende mais. Então, a reportagem, ela não morreu, ela, simplesmente, foi modificada e adaptada a esse modelo de jornalismo, que depende dessa característica pra vender. Tem que fazer vender a publicação; tem que multiplicar o número de exemplares pra modificar o valor do anúncio, pra se manter. É um grande negócio e que, dentro desse grande negócio, há luzes. Quando, hoje, eu falo que é um grande negócio, eu não tô dizendo que, por ser um grande negócio, seja desonesto, não. É um negócio que pode ser honesto ou não, que tem legitimidade, mas que tá passado por todas essas contradições do mundo capitalista, essencialmente, guiado por marcas, por marketing. Hoje, todo mundo faz marketing, né?

Entrevista - Você acha que existe honestidade nesse "grande negócio", já que o jornalismo, ele tem um papel social?

Agostinho - Eu acho que os donos dos jornais são as pessoas mais desonestas que a gente conhece. Eu não encontro, assim, no universo dos empresários de comunicação no Brasil, aquele que você possa dizer: "Não, esse cara é um paradigma como jornalista". São empresários que estão investindo em grandes áreas.

A Folha, por exemplo, todo mundo, "ah, a Folha, um jornal dinâmico, um jornal que não tem rabo preso com o leitor". A Folha é um jornal editado pela empresa Folha da Manhã, que tem os seus produtos. Tem o Notícias Populares, que é um jornal de péssima qualidade, quer dizer, de excelente qualidade no que diz respeito à exploração do fait divers, à exploração do escândalo. Você tem a Folha da Tarde, que é um jornal de linha mais conservadora do que a Folha. Então, é um grande negócio! Eu não vejo como mudar isso. Porque é consequência dos tempos, é uma questão estrutural, quer dizer, jornalismo é assim porque o capita-

lismo é assim. Ele dá dimensão pra valores que a vida não dá.

Então, se você for se guiar pelos jornais, você pega, por exemplo, um segundo caderno dos jornais, hoje, que eu chamo de "caderno de frescura", tem coisas, assim... Pô, eu não sou aquele consumidor! É só inglês! É grupo não sei quê, é grupo não sei quê lá, e você não acompanha isso aí. Essa é a questão. Pra quem tão falando? Pra quem tem poder aquisitivo, pra quem pode comprar carro, pra quem pode comprar apartamento, pra quem pode comprar liquidificador, pra quem pode comprar aparelho de som. É pra esse público que se dirige, o público classe "A", que tem acesso a uma série de informações que o pobre não tem, que a classe média não tem, também.

Quantas pessoas, aqui, têm acesso à Internet? Nós temos, no Brasil, hoje, duas perspectivas: ao lado desses 20 milhões de analfabetos, reconhecidos, e fora aqueles que são semi-alfabetizados, nós temos o "analfabeto tecnológico". O que é esse "analfabeto tecnológico"? É aquela pessoa dotada de um mínimo de formação, mas que não consegue se relacionar com a informática. Porque não é uma coisa simples isso. Se há dificuldade do nosso povo aprender o código básico da língua, que é o alfabeto, e trabalhar com esse alfabeto, que é codificar esse alfabeto em todas suas dimensões, imagine, então, o conhecimento da máquina! Você entra nos bancos, você vê as pessoas com mais de 40 anos, não conseguem fazer um depósito, não conseguem se relacionar com as máquinas. Aquilo é extremamente, digamos, constrangedor. Você pega uma pessoa dessa, aposentado, "vai lá, fala com a máquina"... A máquina não quer saber se o cara tá doente ou se não tá, se o cara chora, se o cara ri. Essa geração vai ter um grupo, aí, de "analfabetos tecnológicos".

Essa idéia que "a informática"... Hoje, por exemplo, o jornalismo tá contaminado por isso. Tudo é informática! Tem que informatizar tudo! Então, será que o jornalismo só depende disso? Pra se afirmar. Por que a informática tá sendo tão valorizada? Porque apressa o processo de produção. Mas, no apressar o bolo, a massa não cresce, não rende o que tem que render. Então, se aumenta o número de bolos, mas os bolos são pequenininhos. Não porque são pequenos, mas porque não tiveram tempo de se desenvolver, de inchá, pra ficar do tamanho correto. Então, essa questão da informática, essa questão tecnológica, eu acho que isso esconde

um risco muito grande, de maneira a você ter dois tipos de sociedade: uma sociedade que tá interligada e outra que tá totalmente excluída desse processo.

Entrevista - Quer dizer que a ditadura da informática implica uma ditadura da...

Agostinho - Ah, eu acho que isso aí é tão grave quanto o desemprego, quanto a questão ecológica...

Entrevista - É uma forma de exclusão?

Agostinho - É uma forma de exclusão, quer dizer, quem não dominar essa tecnologia, pelo menos o rendimento dela, vai tá excluído totalmente do processo. Inclusive, de diálogo! Hoje, as pessoas tão se entendendo por Internet, via celular. E quem não tem? Como é que vai ficar? Vai se comunicar como, né? E quem tem, já discrimina quem não tem porque: "Ô, você não tem, como é que eu vou me comunicar com você?". O pensamento do rico, da classe média é esse, eles excluem.

Entrevista - Dentro dessa sua experiência de jornalismo enquanto função social, como é que você é profeso-

“O homem não pode deixar o idealismo morrer! Não pode decretar o fim do romantismo! Pera aí! Será que todos os meus alunos partiram para o cinismo absulito?”

sor, hoje em dia, dentro de uma realidade, “formador” de jornalistas dentro dessa realidade, desse novo modelo de jornalismo?

Agostinho - Não, porque eu acho que há um espaço pro idealismo, ainda, sabe? E a juventude é esse idealismo. É o elemento que vai modificar essa realidade, ou reafirmar essa realidade. Vocês, hoje, têm uma faixa de 19, 20 anos, 21 anos, aí. Então, vocês vão crescer, vão ficar maduros como eu e vocês vão, de alguma maneira, alguma coisa de mim ficou em cada um de vocês. Mesmo aquela pessoa que foi minha aluna e nunca nem reparou em mim, mas alguma coisa de mim tem dentro dessa pessoa. É gostoso essa sensação. Você liga a televisão, você lê o jornal, você liga o rádio, e diz: "Bom, esse pessoal aqui foi meu aluno". Aí, eu vibro quando eu vejo um aluno meu fazendo uma grande matéria, vibro

quando ele faz uma grande reportagem na TV... Então, é uma coisa gostosa você saber que, de alguma maneira, você contribuiu pra aquela pessoa se formar. Então, é uma coisa que você não pode perder de perspectiva. Não pode! O homem não pode deixar o idealismo morrer! Não pode decretar o fim do romantismo! Pera aí! Será que todos os meus alunos partiram para o cinismo absoluto? Em que você olha pra uma pessoa morta e diz: "Bom é assim mesmo e vamos pra frente". Não é assim!

Eu acho que há espaço no mundo, ainda, pra você lutar por essa dignidade do homem! E este direito é dele. Direito de insubmissão contra a injustiça. O ser humano só morre, em qualquer fase da vida dele, criança, adolescente, adulto, velha... A pessoa só morre quando ela perde a capacidade de se indignar. Você tem que estar indignado! Eu sou um indivíduo que acordo indignado, vou dormir indignado. Passo 24 horas por dia prater um enfarto! Porque eu vivo indignado! Pô, como é que pode essas coisas acontecerem do jeito que acontecem? E não vivo indignado né só com o Brasil, não, vivo indignado é com o mundo! Porque, quando você vê a iminência de uma guerra entre a Coréia do Norte e a Coréia do Sul; quando você vê a questão da Libéria na África, do jeito que tão matando criança lá e gente adoidado; quando você vê essa questão da Iugoslávia, agora, Israel atacando o sul do Líbano, isso é gente de carne e osso como agente, colega! Não tem diferença! Eles amam, eles comem, eles dormem, entendeu? Tá morrendo gente o tempo todo e como é que fica? Você tem que se indignar, pô!

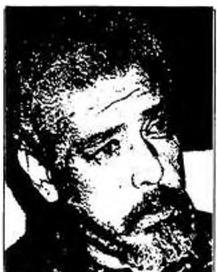
Entrevista - No começo da entrevista, você falou uma palavra, que foi a palavra “cansaço”: “Eu sou um homem extremamente cansado”. Agora, você é um homem extremamente indignado e um homem cheio de paixão pelo o que você faz. Esse fato de você estar entre esses dois extremos, é isso que, às vezes, lhe coloca numa situação meio complicada no meio de trabalho?

Agostinho - Sim. Porque é o seguinte: o fato de você tá cansado não significa que você não corra mais. O jogador, se ele termina os 90 minutos, ele vai ter de correr mais 30 pra fazer a prorrogação, entendeu? O fato de tá cansado é porque é muita emoção, pô! Eu leio os jornais e fico pensando: "Como é que tá o negócio, do...". Eu fico pensando! É doidice? Não é doidice! Porque eu digo: "Eu posso estar na mesma situação". Só quem



Os dois irmãos mais novos, do primeiro casamento, foram criados por Agostinho, que viu um referencial. "Eu nasci com essa vocação materna", diz.

O pai de Agostinho era de Maranguape. "Gênio inventor" para o filho, fugiu do Ceará caçado como bandido. Deu 6 tiros num cara e nunca soube se o matou.



Nas veias de Agostinho corre uma mistura de sangues árabe e cafuzo. Homem de raça, que transformou sua dor adolescente em solidariedade adulta.

sentiu a dor da morte, a dor da exclusão, a dor do preconceito, consegue pensar o mundo assim, entendeu? E cria um problema pra mim no relacionamento? Cria, lógico! Porque eu fico indignado, em casa, minha mulher, também, não entende, meus filhos não entendem. "Pô, o papai tá nervoso por quê?". "Que que eu tenho a ver com a crise no Líbano?". "Que que eu tenho a ver com a crise na Libéria?". "Nada! Mas, o pai tá indignado!". "Pô, não me enche o saco, moleque, vai te cuidar!". O meu filho chega pra mim: "Não, me dê uma grana aí que eu vou pro show. Vou pro show, vou comer uma menina aí..." não sei o quê. "Tem camisinha aí?". Pô, será que esse cara não acorda, bicho?! Será que ele não respira sangue? Não sente o cheiro de sangue que tá no ar? O cheiro das fezes que todos nós produzimos?

Uma das coisas mais deliciosas do mundo, porque eu gosto de andar de avião, é imaginar, lá de cima, que todas as fossas poderiam explodir! (risos) Já imaginou isso? Em todo o mundo! E, nós, não teríamos pra onde correr se não pra merda que nós somos! O ser humano é, sobretudo, um grande produtor de merda! Se nós fizermos um cálculo dos metros cúbicos de merda e fezes, que há no mundo, de urina (risos), fica um número estrondoso! Nós produzimos mais merda do que palavras. Eu acho, isso fascinante, essa perspectiva do mundo, todinho, cagado (risos). E Deus fazendo assim pra pegar, nas pontinhas dos dedos, assim, "que coisa nojenta!", como quem pega pelo rabinho de um rato pra por no lixo. Porque é isso que tá acontecendo. Nós tamos destruindo o planeta, nós estamos nos destruindo. Ai botam no jornal, "o que destrói o homem é a droga", "o que destrói é o cigarro"... Não é nada disso! O que destrói o homem é a droga de ter que viver nesse sistema, em que você é checado, testado o tempo todo, pô!

(Nesse momento, Agostinho fala que o homem é testado em todas as etapas da vida, desde o nascimento até a morte. Faz uma crítica ao consumismo existente no sistema capitalista, que tem absorvido, inclusive, as formas de comportamento humano. Por conta disso, Agostinho acredita que o homem perdeu a capacidade de indignação diante dos fatos).

Entrevista - Ser jornalista e, sobretudo, ser cidadão, é permanecer indignado, é estar indignado?

Agostinho - Ó, cidadão, pra mim, não é ser importante nem ser jornalista. Eu acho que eu podia ser engenhei-

ro, arquiteto, confeiteiro de bolo... Eu sempre teria essa capacidade de me indignar. Sempre. Isso é uma coisa da pessoa, certo? Simplesmente, coincidiu de eu ser jornalista e o jornalismo é uma profissão que faz com que essa coisa aflore com mais urgência, né? Porque você vive na urgência do dia-a-dia. Mas eu seria o indivíduo do jeito que eu sou em qualquer profissão! O que me mantém vivo é isso. Esse negócio de jornalismo, pra mim, é uma coisa que não tem importância nenhuma, ser jornalista.

Que importância tem o jornalismo? É fazer que nem o Balzac (*Honoré Balzac, escritor francês do século XIX*). O jornalismo não tem importância nenhuma. O Balzac tratou o jornalismo de forma muito pejorativa. Porque, no século XIX, o jornalismo era uma coisa catastrófica: você lê Émile Zola (*romancista*

na poesia do Neruda, tá na poesia do García Lorca (*Federico García Lorca, poeta espanhol, pertencente à escola poética de vanguarda*), tá na poesia da Gabriela Mistral (*pseudônimo de Lucila Godoy de Alcayaga, poetisa e escritora chilena que faleceu em 1957*), tá na poesia do João Cabral de Melo Neto (*pernambucano e filho de senhor de engenho, escreveu "O Cão sem Plumas" e "O Engenheiro", entre outras obras*)... Tá em todo canto essa angústia.

Entrevista - Pegando, ai, essa sua afirmação de "pessoa indignada", eu queria retomar um pouco a sua trajetória dentro do jornalismo cearense. E queria que você me contasse em que momentos dessa trajetória essa sua indignação se contrapôs e como foi que se deu com relação à desonestade dos empresários de comunicação?

Agostinho - Olhe! Isso foi uma coisa que não foi planejada. Não nasceu de leitura, de eu assumir idéias socialistas ou comunistas, não. Nasceu da minha dificuldade de não me indignar diante das coisas. Eu não posso ver um camarada fazer um homem chorar por causa de 20 centavos e achar que vai ficar assim. Eu não posso ver o camarada chegar na redação e modificar uma matéria que esteja assinada sem dar ciência a quem fez. São coisas desonestas.

É como alguém chegar na sua casa, se apropriar de algo que é seu, sem lhe dar ciência. Tá sendo desonesto, né? Então, o que foi que eu fiz? Eu adotei por princípio a seguinte coisa: NÃO VOU AGREDIR MINHA CONSCIÊNCIA. Não vou agredir minha consciência.

Então, você pode contornar problemas, conviver com eles, fazer concessões, que eu já fiz algumas, desde que não atinja a minha vida, a minha consciência, desde que não atinja o outro. Mas acontece que há um cinismo. Há um cinismo. O jornal *O Povo*, por exemplo, os donos do jornal *O Povo* não têm dimensão do que é o jornal pro Estado do Ceará. Isso é um patrimônio cultural valiosíssimo. Os donos do Diário do Nordeste não têm dimensão do que é o Diário do Nordeste. Pra eles, é um monte de papel que sai todo dia e que tem anúncios. Eles nem lêem as matérias que tão lá. Só lêem as que têm o interesse deles, quando eles manipulam que têm interesse naquela seção.

Eu briguei. Primeiro foi a briga com o jornal *O Povo*. Depois, briguei dentro do jornal *Meio-Dia*, que foi uma das melhores escolas de jornalismo que teve aqui, porque o pessoal

Nos locais onde trabalhou, Agostinho é muito elogiado pelos colegas que conviveram com ele. Mas a intransigência é, também, sua marca registrada.

não queria deixar fazer o que eu queria. Pô, eu roubava o carro do jornal! Uma vez, eu tirei dinheiro da poupança da minha mulher, peguei o motorista, fui lá no jornal, abri a garagem, roubei o carro do jornal. No outro dia, todo mundo doido atrás de mim e eu longe fazendo uma reportagem. Fui pro Diário do Nordeste. Briguei lá até onde não podia. Briguei lá com "Deus e o mundo", chutei cadeira, ameacei partir a cabeça dum camarada que queria comer as repórteres... Enfim, arrumei confusão em todo canto. Fui pra EBN (*Empresa Brasileira de Notícias*), denunciei lá um esquema com o qual eu não concordava. Fui pra Manchete. Saí de lá porque mudou a direção e o camarada que foi pra lá... eu achei que não tinha mais nada pra fazer com aquele camarada, saí.

Depois, pra onde é que eu fui meu Deus do céu? Jornal do Brasil. Jornal do Brasil, por exemplo, o cara me deu uma pauta que era pra investigar a vida sexual da Maria Luiza (*Maria Luiza Fontenelle, ex-prefeita de Fortaleza*). Como é que você faz um negócio desse? Isso é jornalismo? Investigar a vida sexual. Porque, se tem uma coisa que os jornalistas brasileiros são, são machistas mesmo. Tem que saber: "Pra quem essa mulher tá dando? Ela é lésbica?". Essa questão, você tem que se ligar. Eu disse: "Olha, essa matéria eu não faço". "Colega, então você vai dançar". Eu disse: "Eu danço, pronto. Qual é o problema?".

Na época que eu tava no Jornal do Brasil, fui tentado a ser cooptado pelo PSDB, não pelo PSDB, porque na época era o PMDB, que era o Tasso Jereissati (*atual governador do Ceará pelo PSDB e uma das maiores lideranças do partido em nível nacional*) o candidato. Os assessores dele mandaram me convidar pro almoço, disseram que podiam conseguir um aumento de salário pra mim no Jornal do Brasil. Disseram pra mim que podiam conseguir o meu registro de carteira, que, na época, eu não era registrado, trabalhava como free-lancer. Embora eu trabalhasse todo mês, essa coisa toda. Eu nunca fiz isso. Nunca fiz. Eu disse: "Não colega. Você tá falando com a pessoa errada". Ai, ficaram ligando, fazendo pressão e eu resistindo, digo: "Não entro no esquema. Eu sou 'insquemável' (sic). 'Insquemável' (sic), não tem jeito". Isso nunca me chateou não, porque o nosso papel é esse mesmo. Quer dizer, lógico que se eu tivesse que pagar a prestação da casa mais seis meses, eu aguentava mais seis meses... dava uma tacada aqui e outra acolá, mas que eu tava

indignado tava. Nunca deixei de fazer isso. Nunca! E, quando eu tenho oportunidade de dizer o desafogo, eu digo. Eu não perco a oportunidade. Não perco! Eu fico esperando a oportunidade. Digo assim: "Esse cara vai passar por mim". Na hora que passa, bato o pé e ele cai. Pode ser maior do que eu, pode ser três vezes maior do que, dez vezes maior, mas eu bato o pé na frente.

E coincidiu de eu ser presidente do Sindicato. Quando eu cheguei aqui no Ceará, tive uma premonição terrível. Eu cheguei na porta do Sindicato, disse: "Rapaz, eu ainda passo por aqui". E nunca me associei ao Sindicato. Ai, vai lá um belo dia, a Ivonete Maia (*ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas na época de 1980 a 1986*) naquela empolgação com a greve de 85 (*greve dos jornalistas*): "Agostinho, a última coisa da minha gestão é sindicalizar você". Lá vai o Gósson besta e assina aquela porra! Três anos depois, acabei presidente do Sindicato. Quer dizer, essa indi-

"Chorei muito em casa. (...) Tinha dias que eu sentava ali na televisão e chorava que nem uma criança. Dizia: 'O Sindicato não vai fechar na minha mão'."

nação que me levou a isso. Eu nunca fui um líder sindical. Nunca fui líder de nada. Simplesmente por ter essa capacidade de indignação, as pessoas querem gente assim pra se protegerem. É óbvio! Alguém precisa fazer isso. Alguém precisa ir lá ser o "boi de piranha". Eu não me importo de ser o "boi de piranha", eu não me sinto o "boi de piranha". Porque me dá uma satisfação tão grande saber que eu fiz. O que me dá satisfação é saber: eu tive as condições de fazer e fiz. Porque eu podia ter as condições de fazer e não ter feito. Podia ter chegado e ter dito o seguinte: "Não, não vou me meter nessa não. Tô indo tão bem aqui na Manchete". Algumas vezes eu pensei assim. "Pô, eu tô indo tão bem qui na Manchete. Tô indo tão bem aqui no Jornal do Brasil". Você não tá aí pra isso. Você tem aquela voz: "Você não está aí pra isso. Você tá aí pra criar um caso mesmo".

É como se fosse assim um aprendizado que me levou à presidência do Sindicato. Porque, quando eu assumi o Sindicato dos Jornalistas, eu acho

que se não fosse uma pessoa com o meu perfil, não teria dado certo. Não só pelo meu perfil, mas pelo agregado que eu tinha em torno de mim que foi uma coincidência histórica. O que foi que aconteceu: Nilton Almeida (*ex-presidente do Sindicato, na gestão de 1986 a 1988, e atual sub-secretário de Cultura do Estado*), Ivonete Maia, esse pessoal. Nós viemos construindo a greve, o movimento sindical desde 85. Muito antes disso, a Ivonete já vinha construindo da forma dela. Ela, a Adisia Sá (*ex-diretora do Sindicato e, atualmente, membro da Comissão de Ética da Federação Nacional dos Jornalistas - FENAJ*). Ai veio o Nilton Almeida que foi o grande presidente que o Sindicato dos Jornalistas teve porque ele formou quadros, controlou e deflagrou a maior greve da categoria (*a mais longa greve dos jornalistas, ocorrida em 1988 e que durou 15 dias, durante a qual vários profissionais foram demitidos dos órgãos de comunicação no Ceará*). Uma das maiores do País.

Então, o Nilton foi esse cara que veio e fez praticamente só, tudo. O Nilton fazia tudo.

Ele não. Quando eu vim, o que foi que eu fiz? Pegaram um cara maduro, com capacidade de apanhar, de bater. Não basta ter capacidade só de bater, tem que ter capacidade de apanhar também. E resistir, apanhar, apanhar e saber esperar o momento pra dar a rasteira. Pois, pegaram um cara com esse perfil. Além do que, historicamente, olha como eu fui beneficiado. Primeiro lugar, peguei uma diretoria em que eu tinha, efetivamente, três ou quatro diretores com quem eu podia contar. Era pau pra toda obra. Tinha o Ronaldo Salgado (*jornalista e professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará*) que era o secretário geral, era a minha sombra. Tinha a (*jornalista*) Ângela Marinho, tinha a (*jornalista*) Vólia Rocha, tive o (*jornalista*) Marcos Sá, tinha a Marlene Casela (*economista*) no DIEESE, tive o Nilton Almeida, que na época era o secretário geral da FENAJ (*Federação Nacional dos Jornalistas*) e a Ivonete Maia era presidente da ACI (*Associação Cearense de Imprensa*).

Então eu tive uma série de coincidências que me ajudaram nessa luta. E, se não tivesse sido assim, o jornalismo cearense estaria numa situação muito pior. Porque, qual foi o meu papel ali? Primeiro, foi recolocar 74 profissionais no mercado que estavam desempregados e que as empresas não queriam mais contratar. Segundo, refazer a unidade da categoria



Ele bem que tentou demonstrar sua tolerância. Mas Agostinho acabou confessando o que abomina na vida: intelectualidade, mau caratismo e fila de banca.



A ética está presente na vida do Agostinho em todos os momentos. Na educação dos filhos, ele estabeleceu uma série de parâmetros, ÉTICOS, de conduta.

porque, depois da greve de 88, a categoria saiu extremamente dividida. Teve gente expulsa do Sindicato, teve gente que foi diretor, presidente, vice-presidente e que foi expulsa. Então, eu peguei uma situação extremamente difícil, peguei o Sindicato endividado por causa da greve, teve uma dívida grande, um Sindicato falido em termos de arrecadação porque na época o acordo coletivo tava em dissídio. Fazia seis meses que a arrecadação do Sindicato estava muito baixa e só as despesas de telefone, água, luz e funcionários aumentava. Eu peguei todo esse momento difícil.

Agora, fui um cara feliz porque peguei todo esse conjunto de fatores e fui feliz por causa da minha personalidade. Porque se eu não tenho a minha personalidade, de enfrentar diversidades, chorar muitas vezes como eu chorei ali, mais do que fizxi no nos porres. Chorei muito ali e chorei muito em casa. Minha mulher é testemunha, eu chegava em casa, tinha dias que eu sentava ali na televisão e chorava que nem uma criança. Dizia: "O Sindicato não vai fechar na minha mão". Porque Adísia disse: "Pô, como é que deram o Sindicato pra um paulista?". Pô aí vai o paulista e fecha a porra do Sindicato. "Não, isso não vai ser assim".

E Deus foi tão generoso, mas tão generoso que me preparou com todas essas dificuldades pra uma coisa, que foi o Congresso Nacional dos Jornalistas, 25º Congresso, que foi uma das coisas mais importantes da minha vida. Embora até hoje eu não entenda como aquilo aconteceu. A ideia surgiu em Florianópolis, pelo Nilton, pela Bete Jaguaribe (assessora de comunicação da Secretaria de Cultura), pelo Ronaldo, o pessoal que tava lá. E eu na galinhagem disse: "Não, pode levar". Aí, votaram lá e o Congresso veio pra cá. O Ronaldo e o Nilton foram os mentores intelectuais do Congresso, formatação do Congresso, curso e não sei o quê.

Eu achava que aquilo não ia dar certo. Eu fiquei encarregado de ir atrás do dinheiro e mesmo assim eu não queria ir atrás, porque eu tinha tido uma briga com o Ciro (Ciro Ferreira Gomes, na época, governador do Estado do Ceará), por conta da greve da IOCE (Imprensa Oficial do Ceará) e não queria ir lá. Aí os caras ficaram me enchendo: "Pô, você tem que ir. Você é o presidente, tem que ir!". Me aporrihei e fui. Então o dinheiro fui eu que levantei sozinho, da minha cabeça. Porque a estratégia do Nilton era outra. Era chegar e apresentar, ir lá discutir. E a negociação com o Ciro é extremamente objetiva: "Quanto é

que você quer?" Eu: "Pumba!", e ele topou. Fui no Banco do Brasil, não fui recebido lá no Banco do Brasil, corri no Congresso Nacional e o Mauro Benevides (ex-senador pelo PMDB), que era o presidente na época, abriu as portas, pra mim, do Banco do Nordeste e do Banco do Brasil.

Então, quer dizer, o meu papel, ali, no congresso foi, meramente, levantar dinheiro. Levantei dinheiro e eles realizaram o sonho deles. Pra mim, aquilo não teve nenhum outro significado senão esse: bom, foi feito e acabou. E ficou uma coisa importante porque, até hoje, onde você vai, é considerado o melhor congresso feito até hoje. Podem fazer um melhor, mas, eu acho muito difícil. Porque lá não tem Ronaldo Salgado, não tem Nilton Almeida, essas coisas, e não tem um Gósson, que é louco! Porque esses caras eram só imaginan-

eu conheço, certo? Mas não tô dizendo isso de forma depreciativa não. Tô dizendo de forma positiva. Quer dizer, me deu uma capacidade de refletir e saber do sofrimento do trabalhador. Me deu o conhecimento de saber também o quanto o trabalhador também é cínico com respeito ao seu próprio destino.

Eu cansci de ir às redações e ver colegas trocarem a Assembléia do Sindicato pra ir às festas. Isso é uma coisa dolorosa. Você ali se quebrando, passando noites de insônia, se desgastando, se expondo, você é um grupo pequeno e os caras iam pra farra, fazendo banda, indo desfilar, essa coisa toda. Acham isso lindo; eu não acho isso lindo. Acho isso uma prova de covardia, senão de ignorância, de burrice. A outra coisa que eu aprendi é que você não pode entrar numa dessa esperando nenhum tipo

de reconhecimento, salvo se for um político profissional. Se você entrar no Sindicato na perspectiva, diz: "Bom, vou passar aqui, depois me elejo vereador ou deputado ou vou disputar a presidência de uma estatal dessa do Estado ou da União. E tem caminho pra isso. O Sindicato embora seja pequeno, precário, ele tem uma história como nome, como instituição, tem peso na formação da opinião pública. Uma nota assinada pelo Sindicato... Eu senti esse peso, quer dizer, é um Sindicato que tem muita história, muita história.

E a minha permanência durante três anos, contradizendo essa minha característica de passar nos cantos, fazer confusão e ir embora, tem algumas razões. Primeira, foi de que eu coloquei na minha cabeça a questão principal de que eu não podia entrar pra História como o cara que fechou o Sindicato. Como a salvação do Sindicato só veio no último ano e no último momento, porque o Congresso foi em abril/maio e o nosso mandato terminou em junho, então foi até ali. Eu tinha jurado, pra mim mesmo, que eu não largava. Segundo lugar, nos momentos em que eu queria me defender de qualquer coisa, tinha o Nilton e o Ronaldo Salgado, a Ângela Marinho, como pessoas que me controlavam, diziam: "Agostinho, não é assim". Essas pessoas me influenciaram muito, continham em mim essa minha energia explosiva. Eu queria dar nos patrões, dar nos colegas, eu queria dar em todo mundo. Eu me lembro de uma Assembléia que teve uma vez que eu virei a mesa em cima de todo mundo! Disse: "Ó, todo mundo aqui é filho da puta!" Virei a mesa e fui embora. Então, eu sempre tive

"Eu cansei de ir às redações e ver colegas trocarem a Assembléia do Sindicato pra ir às festas. (...) Acho isso uma prova de covardia, senão (...) de burrice."

do e fazendo as coisas e cadê o dinheiro, cadê o dinheiro, cadê o dinheiro... Então, foi briga, foi conquistado aquilo a tapa! Esse dinheiro foi levantado a tapa! No dia em que o Banco do Nordeste nos chamou, nós fomos sabatinados durante duas horas, lá, na diretoria. E os caras sabiam que o congresso ia, tinha a possibilidade de tomar uma moção de "fora Collor"! E nós conseguimos o congresso. Então, foi uma coisa maravilhosa!

Entrevista - Agostinho, todo mundo fala que você é um "furacão", passa rapidinho pelas redações, nos lugares, transforma aquela realidade e sai. No Sindicato, você cumpriu o seu mandato e a gente sabe que é um mandato extremamente difícil e desgastante, quer dizer, foi uma conquista muito grande e também é considerada uma das melhores gestões no Sindicato. Foi a época que você teve lá. Então, qual é a avaliação, a reflexão que você faz da importância dessa sua passagem no Sindicato pra sua vida e pra categoria profissional?

Agostinho - Ó, pra mim, em termos pessoais de enriquecimento interior, só aumentou o número de dores que

Biografia? Só se for não autorizada. Agostinho disse que jamais escreveria sobre sua vida porque seria um livro divertido mas, também, muito triste.

esse temperamento. E, nunca pedi um voto pra ninguém! Nunca fui atrás de ninguém. Quem quiser que me acompanhe. Porque, se eu servir pra alguma coisa, eu vou e sirvo. Se não puder dispor de mim azar de quem perdeu. Porque eu acho que eu tenho muito pra contribuir.

Entrevista - Sair de casa, sair dos empregos... Você sempre está saindo daquele sistema em que você não consegue se adaptar. O Sindicato foi uma forma não só de sair do sistema, mas de lutar contra aquele sistema?
Agostinho - (pausa) Não. Sim, ele foi isso, mas eu não assumi pra ser contra. Eu desenvolvi isso depois. Não assumi pra ser contra. Eu nem sabia o que era o Sindicato. Eu não sabia onde tava o papel, não sabia presidir uma assembléia, eu não sabia o que era uma questão de ordem... Como eu tenho vocação ditatorial, eu achava que, "bom, agora é o seguinte, eu sou Agostinho Gósson e vou mudar essa porra aqui", acabou, né? Mas, aí, eu tive que aprender a ser democrático, eu tive que aprender a ceder, tive que aprender a defender idéias que não eram minhas... A categoria, lá, eles votavam negócio que eu achava um absurdo! "Pô, isso aqui é coisa de idiota". Mas, aí, eu ia lá na reunião com os patrões e defendia aquela idéia absurda! Quer dizer, então, eu aprendi tudo isso. O Sindicato me educou, me fez humilde nesse ponto. Me deu esse sentimento de humildade, que eu não tinha. Por quê? Agora, o que me fez curvar as pernas? Foi a responsabilidade de saber que, qualquer decisão que eu tomasse, afetaria a vida de centenas e centenas de pessoas.

Quando eu tava na mesa de negociação, eu sabia que, se eu cometesse um erro, ali, eu prejudicaria toda a categoria; como se eu acertasse, eu beneficiaria toda a categoria. Esse drama desta responsabilidade foi o que manteve em pé, o que me manteve sereno em alguns momentos. E não diminuiu a minha indignação porque nós participamos de negociações difílicas. Negociações em que eu pedia "sai todo mundo, voltatodo mundo", invadia a sala, de quase se pegar nos tapas com o Manuelito (Eduardo Campos, jornalista, escritor, dramaturgo, foi membro da Comissão Executiva do grupo de comunicação de Assis Chateaubriand, Diários Associados, e, na época, era presidente do Sindicato das Empresas de Jornais e Revistas do Ceará, que também é entrevistado neste número), de dar tapas na mesa, essa coisa toda.

Mas, me deu essa humildade, quer dizer, passei a ver que, pra defender os outros, você, às vezes, tem que assumir a papagaia que eles fazem, né? Agora, de um lado, deu uma grande frustração de ver que, por mais que você faça, é muito pouco. Por mais que você tenha feito, sempre será muito pequena a contribuição, muito pequena, muito pequena.

Entrevista - Queria você falasse um pouco sobre como foi ser governo pra quem é uma alma tão libertária, um cidadão tão contestador. Como foi a sua experiência de ser secretário de governo da prefeitura de Fortaleza? Queria que você falasse também como é que fica a sua relação pessoal com as pessoas com as quais você se defrontou ao longo da sua trajetória profissional. Queria saber se você fez amigos na categoria, se você tem

"(...) Por mais que você faça, é muito pouco. Por mais que você tenha feito, sempre será muito pequena a contribuição, muito pequena, muito pequena."

inimigos na categoria. Como é o perfil que você faria do jornalista cearense?

Agostinho - Primeiro, a minha experiência com a Maria Luiza foi notável porque eu disse pra ela, me lembro quando ela me convidou, eu me lembro assim: "Maria Luiza, eu sempre quis ser correspondente de guerra, taí minha oportunidade". Aquilo era uma guerra. Peguei um dos momentos mais difíceis da administração da Maria Luiza. Ela é uma pessoa encantadora, maravilhosa, sou fã dela incondicional. Acho-a uma pessoa afável. Ser chefiado por mulher é uma beleza porque no auge da confusão, eu nervoso, ela chegava e dava um beijo na testa e aquela coisa se acalmava. Aquela coisa sempre cheirando à flor. Mas é uma pessoa que tem umas contradições políticas muito fortes. Ela defende uma tese radical de socialismo revolucionário que eu não comprehendo de que forma ela vai-se realizar. E a dificuldade também que eu vejo nela é que, às vezes, falta firmeza nas decisões dela como pessoa, ela sempre tá deliberando. Eu acho que uma pessoa que tem a responsabilidade de gerir os destinos de uma cidade ou de uma comunidade,

não pode ficar esperando só isso. É uma crise do PT, inclusive, esse processo interno dele, tudo é liberal. Eu acho que as pessoas, às vezes, precisam assumir riscos, porque há urgência. Você vai decidir: "Bom, vou fazer a campanha de saúde", como tinha, na época, campanha de vacinação. Eu não posso ficar uma semana discutindo porque enquanto isso têm crianças morrendo. Eu tenho que tomar a decisão: "Vou vacinar. Se vier polêmica, a gente aguenta". Governar é assumir riscos. É assumir riscos.

Então, eu acho que ela foi lenta nesse processo, muito confusa, também. Eu acho que houve um drama na vida pessoal dela, ao qual não quero fazer referência, mas que isso também interferiu na vida dela. Eu acho que ela se deixou dominar por influências outras, menos políticas e mais oportunistas do grupo dela mesmo. Eu tenho essa visão da Maria Luiza. Agora é uma pessoa que eu adoro, tenho um grande respeito.

Entrevista - Agostinho, você disse que pensa em deixar o jornalismo e não sabe o que vai ser, o que é que você vai fazer da vida. Será que não seria agora que você iria realizar o seu sonho de ser poeta?

Agostinho - Não, não, não. Eu tô velho pra isso. Talvez na velhice eu até me detenha nisso, fazer algumas reflexões, porque de tudo

na vida eu perdi muita coisa. Eu perdi grandes amigos. Perdi alguns amigos na época que eu era presidente do Sindicato. E vou perdendo as amizades. Esse sentimento de se desvincilar dessas pessoas, que são maravilhosas enquanto pessoas, é muito doloroso. Então, talvez eu esteja juntando material emocional pra, na velhice, fazer uma reflexão sobre isso, mas nunca com a intenção de publicar. Se publicarem alguma coisa, será vontade de alguém ou da minha mulher ou dos meus filhos, porque eu mesmo não tenho a intenção. E, se eu puder queimar, antes de morrer, eu queimo tudinho porque eu acho que não tem importância nenhuma. Uma porcaria a mais, uma a menos, eu prefiro fazer uma porcaria a menos. Não tenho nada pra dizer pro mundo que seja importante.

Entrevista - A avaliação que você faz do jornalismo cearense, a questão moral e ética?

Agostinho - Ah, sim! Eu conheci pessoas maravilhosas, mas conheci covardes demais. Conheci também falsos solidários, aquelas pessoas que, na Universidade, têm uma atuação brilhante no CA (Centro Acadêmico),



O jornalismo foi o assunto principal na produção. Sobre sua profissão, declarou: "Eu me fiz jornalista na marra. Não tive muito tempo de escolher não."

Agostinho fez o concurso para professor da Universidade Federal do Ceará sob pressão dos amigos de profissão e da esposa. Tirou o primeiro lugar.



Perguntado sobre a possibilidade de assumir uma chefia no Departamento de Comunicação Social da UFC,disparou: "Nem invente um negócio desses!"

e, quando chega na hora do "vamo vê pra capá" mesmo, tira da reta. Vi tudo isso. Então é muito decepcionante. Mas eu tive essa oportunidade de saber como o mundo é, quer dizer, eu não sou enganado. Hoje, eu não sou um carneiro, não sou uma ovelhinha; sei exatamente onde pisei. Vi pessoas traírem os seus princípios. Isso é doloroso também. Pessoas abrirem mão da essência delas pra se converterem em nome de quê eu não sei. Vi as pessoas se modificarem, porque eu sou um cara coerente com aquilo que eu sou a vida toda. Eu tô velho aqui, mas eu tô coerente comigo, sempre coerente comigo. E se algum dia eu mudar, eu chego e digo publicamente por que eu mudei. E sempre será por uma coisa, que na minha avaliação,

será sempre mais autêntica na construção desse ser espiritual que eu tô preocupado. Não estou preocupado em fazer marketing, em ver meu nome nos jornais, em fazer sucesso. Mesmo porque eu já sou um indivíduo-sucedido. A prova disso é essa entrevista.

Qual foi a grande contribuição que eu dei pro jornalismo cearense? Nada. Qual foi a grande contribuição que eu dei pra prefeitura? Nada. A contribuição que eu dei foi criar caso! Nisso eu sou especialista, pode me chamar. Se tiver um caso ali, pode me chamar que eu vou e crio direitinho. Faço o plano de marketing do caso. Agora, fora isso, qual foi a grande contribuição? Mas eu tô aqui reconhecido e esse é um momento pra mim extremamente rico. Não porque eu me veja reconhecido de

alguma maneira, mas porque eu tenho a oportunidade de expressar pra vocês, pra um grupo pequeno, aquilo que eu penso. Isso já é um privilégio. Quantas pessoas podem fazer isso que eu tô fazendo aqui? Então, alguma coisa eu estou colhendo disso. E, quando eu vejo alguém se destacar na profissão como um excelente profissional, eu digo: "Bom, eu já me sinto gratificado por isso". E outra coisa que eu quero de Deus é criar os meus filhos bem criados e, na véspera da minha morte, arrumar um amante pra minha esposa, porque eu não quero deixá-la desamparada e quero participar da escolha também (risos).

Entrevista - Vamos beber, né? (risos).

A produção quase não fecha a entrevista. Fazendo a edição durante as férias, entregou-a na casa do professor da disciplina, no último dia de prazo. Amém!